

Abril de 1985
Nº 33 — Ano III

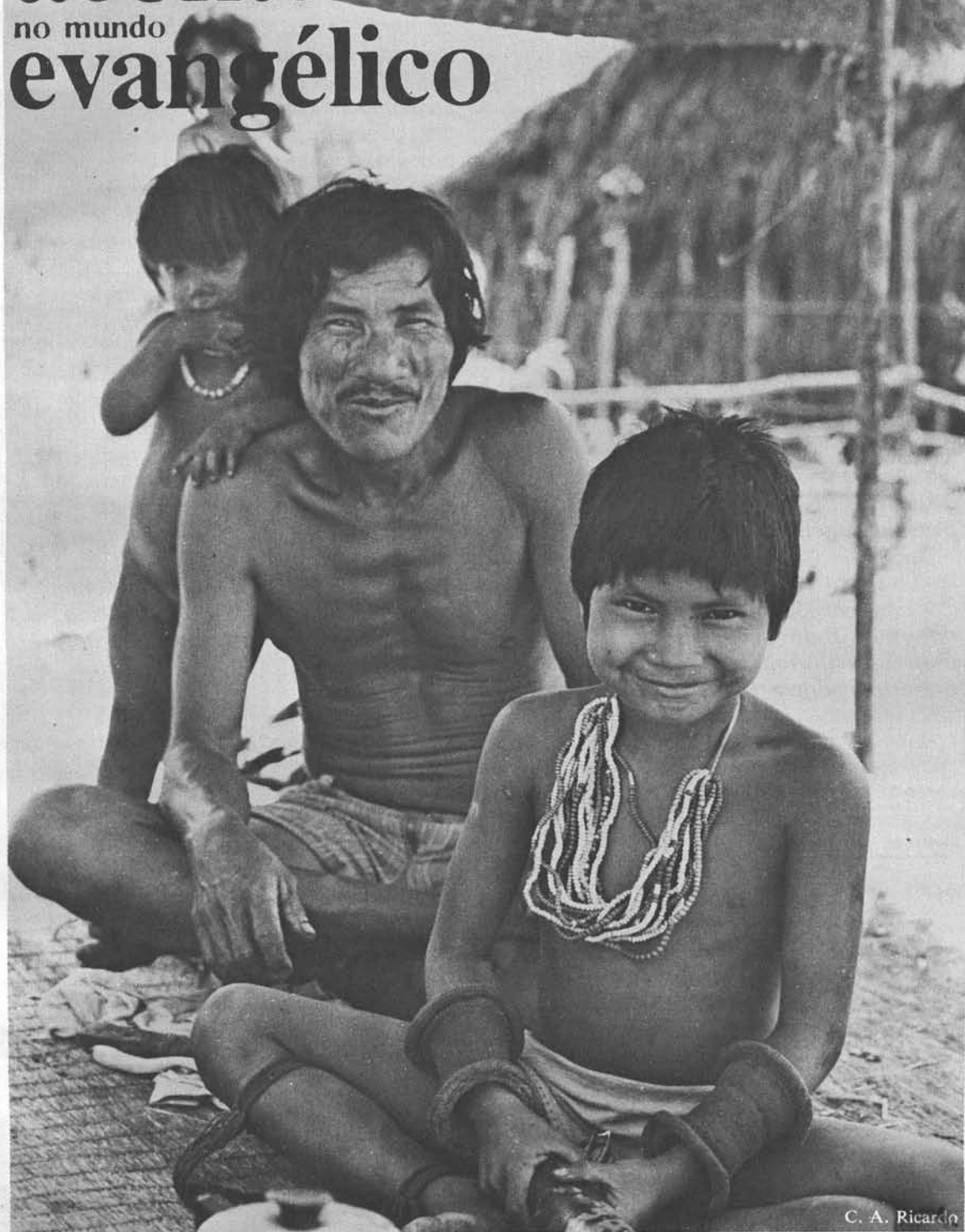
KARDEX
IMAGEM
ARX
PREPARAÇÃO

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

aconteceu no mundo evangélico



C. A. Ricardo

200
1985

editorial

O que está em jogo na Questão Indígena?

Para a média dos brasileiros que está acostumada ao contato com as populações indígenas via televisão e que, justamente por isso, acaba tendo uma idéia romantizada do problema dessas populações iludindo-se com um Peri que a muito morreu, se é que algum dia existiu, a Questão Indígena vira tema de lamentações de bar desfocando o problema de seu real significado. Para esse indivíduo o índio, a ecologia, o pacifismo e a comida natural aparecem misturados numa geléia só.

A causa indígena é, antes de tudo, a luta pelo direito de autodeterminação de povos minoritários com direito a uma existência distinta da nossa. Os índios possuem língua e cultura próprias que mesmo entre eles guardam suas peculiaridades. São povos que têm tanto direito quanto qualquer outro do planeta: francês, alemão, indonésio ou shuar.

No Brasil são 200 mil pessoas divididas em 150 povos com tradições diferentes. Todos deveriam ter seu próprio território (afinal, por que só os brasileiros podem ter seu território?)

garantido por leis e respeitados em suas soberanias.

A luta em defesa da causa indígena é uma questão de honra para os homens de boa fé. A existência autônoma deles deveria ser um motivo de orgulho para nós. Algumas igrejas já estão preocupadas com sua ação desagregadora entre os índios e têm procurado minorar esse mal como atesta o documento "Bases para uma Política Indigenista" da Igreja Metodista onde pode se ler: "acredita a Igreja ser sua responsabilidade cristã oferecer ao índio os recursos concretos de que dispõe, para que ele tome consciência de si como povo...". Muitos cristãos já acordaram para a necessidade da luta pela demarcação urgente das terras indígenas sob o risco de em pouco tempo vermos perdidas inapelavelmente culturas milenares que, assim como outras culturas, são patrimônio da humanidade. Resta ainda que as igrejas que, direta ou indiretamente, são responsáveis pelas missões de fé abram os olhos e vejam que o desrespeito ao índio é uma ofensa aos mandamentos de Deus.

CEDI

Centro Ecumênico de
Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 fundos
22241 - Rio de Janeiro - RJ
Telefone: 205-5197

Av. Higienópolis, 983
01238 - São Paulo - SP
Telefone: 66-7273

Editor

Edin Sued Abumanssur

Redator

Flávio Irala

Auxiliar de Redação

Jaider Batista

Composição

Paulo Zacarias

Sagarana Editora Ltda

Rua Nazaré Paulista, 146/3
São Paulo - SP

Conselho Editorial

Aloisio Mercadante Oliva
Jether Pereira Ramalho
José Oscar Beozzo
Rubem Alves
Zwinglio Motta Dias

Impressão/Acabamento

Imprensa Metodista
Av. Senador Vergueiro, 1301
09700 - São Bernardo do Campo - SP

IGREJAS EVANGÉLICAS E REALIDADE DO ABC

Durante quatro sextas-feiras: 26 de abril, 3, 10 e 17 de maio, o Núcleo da Pastoral Protestante do ABC-CEDI realizará um ciclo de palestras sobre a ação das Igrejas Evangélicas a partir da situação da região. As palestras visarão o debate da realidade social e econômica do ABC, da questão política do ABC, da atuação das Igrejas Evangélicas e os desafios para a ação evangélica no ABC. Além do economista Aloísio Mercadante, do professor Luiz Roberto Alves e dos teólogos Rui Josgrilberg e Julio de Santa Ana, encarregados das palestras, o programa contará com a participação de pastores, pastoras, leigos e leigas das diversas denominações evangélicas da região. Todas as palestras serão no salão de leitura da Biblioteca do Instituto Metodista de Ensino Superior, a partir das 19:30 hs. O IMS fica situado na Rua do Sacramento, 230 — Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, com acesso pela Anchieta e Caminho do Mar. O Núcleo da Pastoral Protestante do ABC reúne pastores e pastoras, leigos e leigas e seminaristas, e foi formado no segundo semestre do ano passado, para possibilitar um espaço de reflexão e discussão sobre a prática pastoral da região.

O PAPEL DA JUVENTUDE CRISTÃ NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Os jovens presbiterianos independentes, do Presbitério de Osasco, realizaram no dia 16 de março, na Igreja Presbiteriana Independente de Bela Vista, um debate sobre "O Papel da Juventude Cristã na Igreja e na Sociedade". O debate aconteceu, como parte das comemorações do Ano Internacional da Juventude e teve a presença de mais de 50 pessoas. Foram discutidos diversos assuntos relacionados com o tema: o compromisso social como forma de evangelização, a influência das multinacionais da fé no meio evangélico, e a participação necessária da juventude nas várias instâncias da igreja, como elemento de mudança. Ao final, decidiu-se dar continuidade a debates sobre as questões da juventude.

HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO PRIORIZARÁ O LUGAR DO POVO

Uma história do protestantismo a partir do povo e não somente das instituições, está sendo escrita pelos participantes do Cehila protestante, entre os quais, o monge de Taizé em Alagoinha-BA, Michel Bergamann; o presbiteriano Antonio Gouvêa Mendonça; o bispo anglicano Sumio Takatsu; os metodistas Duncan A. Reily e José Gonçalves Salvador e o luterano Martin Dreher. Já está prevista uma reunião do projeto nos dias 1 e 2 de maio em São Paulo. (Boletim da Cehila, nº 26)

CONSTITUINTE NA IECLB

O desejo de grandes mudanças, que contagia a nação brasileira nesse momento, começa a tomar forma também nas Igrejas. Por isso, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, já formou uma equipe para estudar as profundas reformas estruturais "a serem levadas à votação no Concílio Geral de 1986". E a preocupação com a necessidade de que as bases participem nesse processo está presente também na Igreja. O editorial do Jornal Evangélico da 2ª quinzena de março afirma que é importante que surjam do chão da Igreja as sugestões de alteração do regimento e constituição da IECLB.

VIDA E MISSÃO: NORDESTE URGENTE

Com programação intensa e participativa, a Federação das Sociedades Metodistas de Jovens da Região Eclesiástica do Nordeste realizou, de 4 a 7 de abril, o seu II Congresso, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. A juventude ali presente discutiu diversos temas. Entre eles: "Igreja e Política", "Igreja Metodista, Ecumenismo e Teologia da Libertação", e "Vida e Missão e Região Nordeste". Além dos debates, foi realizado também o I Festival Metodista de Música Cristã, buscando a valorização da música, dentro da realidade cultural e da história do nordeste. Segundo a presidente da Federação, Elma Maria de Freitas, o objetivo do Congresso foi o "crescimento do Reino de Deus no nordeste brasileiro".

ENCONTRO DO PROGRAMA DE COMBATE AO RACISMO DO CIEMAL

Com o tema "O Mito da Democracia Racial", será realizado no Instituto Bennett do Rio de Janeiro, nos dias 10, 11 e 12 de maio, o Encontro Nacional do Programa de Combate ao Racismo Anti-Negro e Marginalidade Indígena, do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina (CIEMAL). Líderes negros e indígenas, o bispo Paulo Aires e 60 pastores e pastoras, leigos e leigas metodistas de todo o Brasil se reunirão para debater os assuntos ligados ao tema do encontro: o racismo na educação; a conjuntura da prática racista; as religiões afro-brasileiras e o racismo na igreja; a questão da mulher negra; a violência como prática racista e a participação política do negro. No culto de encerramento, numa igreja da Baixada Fluminense — que tem grande população negra —, existe a possibilidade de ter-se como pregador um dos seguintes líderes negros norte-americanos: Jesse Jackson, James Cone ou James Losa.

ACONTECENDO NA IPB

Há quatro anos atrás, um grupo de membros e congregações da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos concluíram que sua Igreja perdera a pureza e abandonara os preceitos evangélicos de suas origens e formaram a Igreja Evangélica Presbiteriana. Preocupada em recuperar a antiga prática de "converter" os povos da América Latina, esta Igreja enviou, no início de fevereiro, uma delegação fraterna à Igreja Presbiteriana do Brasil para troca de experiências e para traçar planos de colaboração. Também de 4 a 7 de fevereiro, esteve reunida em Goiânia, a Comissão Executiva do Supremo Concílio que entre outras coisas, tomou as seguintes resoluções: oficializar o dia 12 de outubro — feriado da Santa Padroeira instituído pelo General João Batista de Figueiro — como Dia Nacional de Evangelização, e eliminar as partes que tratam de assistência e serviço social no Manual da Mocidade Presbiteriana do Brasil. (Brasil Presbiteriano, março de 1985)



ENTIDADES DE DIREITOS HUMANOS DO CONE SUL LUTAM POR DEMOCRACIA

Do dia 22 a 25 de fevereiro, na Casa das Missionárias de Jesus Crucificado, em Itapeverica da Serra (SP), foi realizado com a participação de 35 representantes de 23 entidades de direitos humanos, do Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Argentina, Chile e Peru, o encontro organizado pelo Clamor (Comitê pelos Direitos Humanos no Cone Sul). Tendo em vista o processo de redemocratização do continente, em torno do tema do encontro — “O papel das entidades de direitos humanos na atual conjuntura social, política e econômica nos países do Cone Sul”, os participantes elaboraram doze projetos de trabalho: preparação de uma cartilha sobre a história dos organismos de direitos humanos, o conteúdo e a atual perspectiva de luta por esses direitos; criação de grupos de direitos humanos nos partidos, sindicatos, igrejas e outros movimentos; inserção desse tema nos currículos escolares; preparação de material didático sobre a doutrina de segurança nacional, além da luta para que seja aprovada convenção, definindo como “crime de lesa humanidade” o desaparecimento forçado de pessoas, castigando-se os responsáveis. As entidades decidiram ainda fazer campanha pelo não pagamento da dívida externa dos países latino-americanos, e pelo fim das leis repressivas e da corrupção em cada país. (Folha de São Paulo, 26 de fevereiro de 1985)

COMUNIDADE DE IGREJAS DA INDONÉSIA

Em reunião na última semana de outubro passado, as 54 Igrejas Protestantes que compõem o Conselho de Igrejas da Indonésia, traçaram programas para 1985 e mudaram o nome do Conselho para “Comunidade de Igrejas”, expressando assim, o crescente processo de unidade que vivem. Durante a reunião receberam a visita de uma delegação do Conselho de Igrejas da Holanda e decidiram formas de ajuda mútua e ampliação das possibilidades de colaboração. (The Reformed Churches in Netherlands, janeiro de 1985)

OPOSIÇÃO A RELAÇÕES COM O VATICANO

O Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, com outras entidades do país, tem se colocado contra a decisão do governo Reagan, de se nomear um embaixador ante a Santa Sé. O Conselho afirma que o estabelecimento de relações diplomáticas violaria os preceitos constitucionais que estabelecem a separação entre Igreja e Estado, e criaria uma relação entre o governo e uma Igreja particular em detrimento das demais. Formado por 31 Igrejas protestantes e ortodoxas, o Conselho se opôs em 1951, a tentativa semelhante, por parte do presidente Harry Truman. Nesta decisão, o Conselho tem hoje o apoio da Coalizão de Monjas Americanas, da Coalizão Nacional de Leigos Católicos, das Igrejas Batistas Americanas, Associação Nacional de Evangélicos, Igreja Presbiteriana, entre outras. (Anglicanos, fevereiro a março de 1985)

REPRESSÃO AOS NEGROS NA ÁFRICA DO SUL

O Rev. Allan Boesak, presidente da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas; Beyers Naude, secretário-geral do Conselho Sul-Africano de Igrejas e mais 237 pessoas foram presas no dia 26 de março, pela polícia da África do Sul, quando se dirigiam à Sede do Parlamento, na cidade do Cabo, num protesto contra a matança de 69 negros efetuada pela polícia, uma semana antes. Os negros, 73% da população, que não têm direito à representação parlamentar, levavam ao Parlamento, uma lista de reivindicações, que incluíam desde o estabelecimento da democracia e retirada das forças policiais das comunidades negras segregadas, até o direito de realizar funerais para as vítimas da violência policial. Ao serem impedidos, pelas tropas da polícia, de continuar a passeata, os manifestantes ajoelharam-se na rua e cantaram hinos religiosos e canções de protesto. Nesse conflito, 239 pessoas foram presas, sendo soltas horas depois, mediante pagamento de multa. (Folha de São Paulo, 27 de março de 1985)

SEITA MOON É CHAMADA A DAR ESCLARECIMENTOS NO RIO

No dia 19 de março, os homens do Departamento Geral de Investigações Especiais procuraram, no elegante condomínio Vale Real, em Jacarepaguá, o pastor Maurício Baldini, da seita Moon, intimando-o a prestar esclarecimentos na Secretaria de Segurança. A intimação procede da preocupação dos vizinhos, com o que acontecia na mansão de 7.500 metros quadrados que o pastor havia comprado cerca de um mês antes. Os vizinhos notaram o movimento de jovens vestidos de branco, que vendiam jornais e retratos do Rev. Moon, pediam doações e diziam coisas estranhas às crianças. Ouviram também as orações e os cânticos, de manhã e de noite. O pastor foi levado à Secretaria de Segurança, acompanhado de sua mulher e quatro membros da seita, sobre a qual pesam as acusações de aliciamento, lavagem cerebral e maus tratos a menores de idade. (Folha de São Paulo, 20 de março de 1985)

Mantenha seu endereço atualizado para continuar recebendo seu boletim.

PALESTINOS SE ENCONTRAM NA UNIMEP

Durante uma semana, de 1 a 7 de fevereiro, a questão palestina foi discutida, no I Encontro da Juventude Árabe Palestina da América Latina e Caribe e I Encontro Nacional das Associações Culturais Sanaud, realizados na Universidade Metodista de Piracicaba. O Encontro foi acompanhado com interesse pelos 60 mil palestinos que vivem no Brasil. Participaram dos Encontros os embaixadores da OLP no México e na Nicarágua, o Dr. Farid Sawann, representante da OLP no Brasil, e o Bispo Ibrahim Ayad, 77 anos, presidente da Conferência Episcopal Libanesa. A presença de delegações de oito países, por si só, foi interpretada como uma vitória da unidade palestina contra o imperialismo. (Opção — Jornal da Unimep, março de 1985)



TUTU LIDERA PROTESTO NEGRO EM JOHANNESBURGO

Numa atitude que surpreendeu as sentinelas, o bispo sul-africano Desmond Tutu, prêmio Nobel da paz, entrou no quartel-general da polícia de Johannesburg, à frente de uma marcha de protesto, e lá dirigiu uma pregação contra o regime racista de minoria branca que governa a África do Sul. A marcha desafiou as leis que impedem manifestações de rua no país.

A manifestação reuniu vinte sacerdotes e trinta leigos, a maioria negros. Sua passagem foi saudada com aplausos da população negra e vaias por parte da minoria branca. Os manifestantes protestavam contra a detenção de pessoas sem julgamento, em particular a do sacerdote anglicano Geoff Moselane, preso desde outubro. O quartel é considerado um símbolo das detenções policiais. Nos últimos quinze anos mais de cinquenta militantes antiracistas morreram em suas dependências.

Tutu justificou a manifestação: "Pensei que, se estivesse preso, eu gostaria que meus irmãos sacerdotes adotassem algum tipo de ação para se opor a esta política de detenção, e não que apenas se limitassem a orar e escrever cartas".

O coronel Adolf Van Rooyen, chefe do destacamento antidistúrbios de Johannesburg, admitiu ontem que tinha ordens de "eliminar" todos os manifestantes negros em Uitenhage, no último dia 21. (Folha de São Paulo, 4/4/85)

OS BATISTAS E A CONSTITUINTE

O Jornal Batista de 24 de março, trouxe em seu editorial, a preocupação com a nova Constituição brasileira, propondo aos leitores um amplo debate sobre o assunto. O texto afirma como prioridade a serem defendidas pelos evangélicos na Constituinte, o princípio da separação entre a Igreja e o Estado, o fim do feriado de 12 de outubro dedicado à padroeira do Brasil, a garantia de liberdade de consciência e a manutenção dos direitos individuais atualmente reconhecidos. É feito também um apelo: "Não nos restringamos à defesa de nossos direitos como crentes. Pensemos no homem brasileiro, tenha ou não tenha religião. Pensemos nas necessidades ingentes de nosso povo. E vamos nos pronunciar".

OS EVANGÉLICOS E A NOVA REPÚBLICA I

"Não podemos ser coniventes com o erro. Temos de denunciá-lo". Esta é a opinião do articulista Nemeuel Kessler, do jornal Mensageiro da Paz, das Assembleias de Deus. Para ele, os evangélicos hoje, não podem alienar-se da realidade, pois já constituem parcela considerável da população brasileira. Ele convida os evangélicos a "acompanharem a administração pública e contribuir com alguma forma para que ela corresponda às expectativas gerais, que aguardam soluções inadiáveis para os problemas sócio-econômicos". Assim, os pentecostais mostram que já têm consciência da força de transformação que podem ser, caso a preocupação com os problemas sociais que afligem o povo brasileiro, seja algo permanente em seu meio. (Mensageiro da Paz, abril de 1985)

ELZA TAMEZ NO BRASIL

A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em Rudge Ramos, programa todos os anos uma semana de conferências, conhecida como Semana Wesleyana, para as comemorações do dia 24 de maio, data da experiência religiosa de João Wesley. Este ano, a conferencista será Elza Tamez, conhecida teóloga metodista latino-americana, do Seminário Bíblico de San José da Costa Rica. Elza Tamez, autora de "A Bíblia dos Oprimidos" e primeira mulher a ser conferencista na Semana Wesleyana, falará sobre a carta de São Tiago.

5º ANIVERSÁRIO DE MORTE DE DOM OSCAR ROMERO

A Comissão Oscar Romero, com apoio do Serpaj-AL (Serviço de Paz e Justiça na América Latina), realizou no período de 18 a 24 de março, uma semana de atividades com o tema "Brasil no 5º Aniversário de Morte de Dom Oscar Romero". Católicos, presbiterianos, metodistas, pentecostais, moravos e batistas participaram em conjunto da programação, que constou de diversos estudos, debates e um ato ecumênico no domingo 24, na Igreja Presbiteriana de Ramos.

OS EVANGÉLICOS E A NOVA REPÚBLICA II

Em pronunciamento feito ao jornal "O Estandarte", da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, o Rev. Abival Pires da Silveira, presidente do Supremo Concílio desta Igreja, afirmou que neste momento em que a nação toma novos rumos, "a Igreja tem a sua contribuição a dar. Ela precisa ter uma palavra profética, de alento e de esperança para o nosso povo". "Não se trata", diz ele, "de politizar o corpo eclesialístico, mas sim, de cristianizar o corpo político da nação". Ele defende que "ao lado do seu ministério orante, de intercessão", esta palavra profética da Igreja é essencial "num país engravado pela esperança, como é o Brasil de hoje". (O Estandarte, 31 de março de 1985)

CENTENÁRIO DO METODISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Com o tema "É tempo de Reparar Esperança", os metodistas do Rio Grande do Sul celebram o centenário do metodismo na região. Um estandarte do centenário tem percorrido todas as comunidades, e cada uma delas junta ao estandarte documentos, objetos históricos, fotos, boletins e jornais, que ajudarão num melhor conhecimento da história do metodismo gaúcho. (Expositor Cristão, 1ª quinzena de março de 1985)

CONTRA A TORTURA

Dezoito países, sendo cinco da América Latina, assinaram dia 4 de fevereiro, a "Convenção Internacional Contra a Tortura e Outros Tratamentos Cruéis, Desumanos e Degradantes", elaborada pela Comissão de Direitos Humanos da ONU, e aprovada em Assembleia Geral em dezembro. O Brasil ainda não está entre os signatários. Dos países latino-americanos, a Argentina, Bolívia, Costa Rica, República Dominicana e Uruguai já subscreveram o documento, que entrará em vigor após receber o aval de vinte países. A Convenção estipula que os governos tomem medidas efetivas para prevenir atos de tortura nos territórios sob sua jurisdição. (Jornal Evangélico, 2ª quinzena de março de 1985)



O CLAI DESTACA

CONSEJO LATINOAMERICANO DE IGLESIAS
CONSELHO LATINO AMERICANO DE IGREJAS
Secretário Regional para o Brasil
Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes
Caixa Postal 55.202/04799 São Paulo/SP

CLAI DESTACA

"Estamos reunidos em um ano decisivo para a Nicarágua — Laboratório e Fronteira da América Latina — num ano em que os aborígenes estão começando a colocar alternativas difíceis para os dirigentes de muitas Igrejas, inclusive para o Papa, e no Ano Internacional da Juventude, que tem que ser para o CLAI algo mais do que uma comemoração a ser esquecida entre as demais". Foi assim que o Bispo Federico Pagura, presidente do CLAI, deu início às sessões plenárias da reunião anual da Junta Diretiva da organização, acontecida em La Paz, Bolívia, nos dias 20 a 23 de fevereiro último.

Pagura avaliou os dois anos decorridos desde a Assembléia Constitutiva do Conselho, reunida em Huampani, Peru, 1982, destacando entre outras coisas que o CLAI tem conseguido implementar a consciência da unidade entre as Igrejas, e isto especialmente a partir de suas congregações, alcançadas através do esforço dos Secretários e especialmente de encontros de estudo e trabalho. Como outro sucesso do CLAI o Bispo mencionou o espaço que tem sido conquistado no Continente, tendo o Conselho sido considerado o interlocutor ecumênico válido na América Latina por mais de 100 organismos mundiais, com os quais têm sido mantidos contatos. O CLAI tem mantido sua liberdade em relação a organismos e mo-

vimentos confissionais e interconfissionais, tem conseguido não envolver-se nas disputas internas das Igrejas-Membros e Organismos Fraternais e tem conseguido gradualmente o desbloqueio da parte de muitas Igrejas que foram bombardeadas com informações distorcidas e influências negativas em relação aos objetivos e índole do Conselho, afirmou Pagura, ainda que haja muito caminho a percorrer em relação a isto. Ao mesmo tempo o Presidente destacou que ainda há desafios enormes a serem vencidos, como, por exemplo, no campo da autonomia financeira e das comunicações internas e externas do CLAI.

Tratando dos pontos a serem perseguidos, o Bispo Pagura recordou e elaborou itens destacados pelo Secretário Geral anterior, Gerson A. Meyer, que mencionou entre outras coisas a necessidade de se buscar um processo educativo que prepare as Igrejas para uma ação solidária entre si e para com os povos que sofrem, a política de o CLAI fazer apenas aquilo que as Igrejas não podem fazer e não fazer aquilo que elas podem executar, e de cumprir um ministério multiplicador, de solidariedade material, pastoral e político. Pagura mencionou especialmente o desafio de Gerson para que o CLAI desperte os cristãos latino-americanos para um ministério de indignação, frente às forças da morte que operam em nosso continente.

ASSEMBLÉIA GERAL

Assunto que marcou grandemente a reunião da Junta foi o planejamento da Assembléia Geral, marcada agora para outubro de 1988 e com seu local ainda a ser determinado em forma definitiva, mas com boas chances de ser realizado no Brasil. Seu tema geral deverá ser: "IGREJA: POR UMA ESPERANÇA SOLIDÁRIA".

A Junta definiu o processo que levará à Assembléia, como um caminho em que se perseguirão quatro objetivos:

"1. Facilitar o diálogo e a participação de todas as congregações e movimentos cristãos no estudo, análise, reflexão e compromisso com o tema da Assembléia;

2. Reproduzir e antecipar, a nível local, nacional e regional a própria Assembléia em busca de uma prática real da solidariedade;

3. Envolver as Igrejas e movimentos cristãos na produção do documento que incorpore perspectivas sobre a realidade da Igreja e sua missão na América Latina, e que servirá de base para as discussões e tomadas de decisões da Assembléia Geral.

4. Sensibilizar o povo latino-americano para sua unidade fundamental e para o profundo significado da esperança solidária para o futuro do continente, em sua luta contra a miséria e a opressão, frutos do pecado humano".

Um esboço geral da programação já feita inclui a realização de uma concentração das Igrejas Cristãs no dia 31 de outubro de 1988, data em que se comemora o Dia da Reforma Protestante.





O CLAI DESTACA

CONSEJO LATINOAMERICANO DE IGLESIAS
CONSELHO LATINO AMERICANO DE IGREJAS
Secretário Regional para o Brasil
Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes
Caixa Postal 55.202/04 799 São Paulo/SP

DELIBERAÇÕES

No decorrer de seus trabalhos a Junta tomou uma série de deliberações, entre as quais se destacam:

- A publicação de um documento de estudo para os cristãos, *Sinais dos Tempos*, que foi distribuído aos líderes das Igrejas e redações dos órgãos de imprensa dos membros do CLAI.
- O envio de uma carta aos países latino-americanos sob governos democráticos, solicitando-lhes fineza para que seja respeitada internacionalmente a vontade dos povos do continente e para que mantenham seu apoio às gestões de Contadora.
- O envio de uma carta pastoral às Igrejas da Região Andina tratando das posições do CLAI em relação aos graves problemas que esta Região enfrenta.
- A aceitação do Instituto Superior Evangélico de Educação Teológica — ISEDET — como Membro Fraternal do CLAI.
- A recomendação de que haja uma consulta de responsáveis por publicações de orientação ecumênica para: a) compartilhar experiências; b) analisar elementos comuns às diversas publicações; c) coordenar esforços para evitar duplicações; d) analisar a viabilidade de um programa ou estratégia de publicações ecumênicas; e) verificar a viabilidade de se publicar uma revista ecumênica.
- A promoção de consultas e encontros preliminares para se verificar a possibilidade de promover a escrita da História do Movimento Ecumênico na América Latina.
- Eleição do Pastor Presbiteriano Independente, brasileiro, João Batista Nunes Neto, para ocupar a Secretaria de Promoção e Comunicação, vaga com a renúncia de Fernando Oshige.

• A promoção do ano de 1991, comemoração do Jubileu de Diamante da Conferência do Panamá, como o "Ano do Ecumenismo na América Latina".

• A realização de uma Consulta sobre Limites Éticos da Participação dos Cristãos nos governos, a ser convocada conjuntamente com o Conselho Cristão do Caribe e o National Council of Churches of Christ, no Panamá, em junho próximo.

• A comemoração do Ano Internacional da Juventude através de: a) envio de cinco delegados jovens, de países onde não existe representação da ULAJE, (El Salvador, Nicarágua, Uruguai, Paraguai e Bolívia) a um encontro de juventude a realizar-se em Guayaquil, Equador, de 5 a 10 de novembro de 1985; b) envio de um representante jovem à Assembléia Latino-Americana de FUMEC (Federação Universal dos Movimentos Estudantis Cristãos) a realizar-se em Manágua, Nicarágua, de 9 a 16 de junho; c) Organização de uma Equipe Juvenil Ecumênica de Solidaridade, para participar no esforço de recuperação econômica da Nicarágua, dando uma semana de trabalho braçal para colheita de café ou outras atividades, no mês de outubro (haverá vaga para um ou uma jovem do Brasil. Interessados poderão escrever à Secretaria Regional).

• Aprovação do trabalho experimental desenvolvido pela Pastoral Aborígene e de sua continuidade por mais dois anos.

VISITAS

Enquanto em La Paz, a Junta Diretiva, dividida em delegações ou representada por alguns de seus componentes, visitou o Presidente da República da Bolívia, Hernán Siles Suazo, para hipotecar à nação boliviana a solidariedade do CLAI, nos graves momentos vividos por este país. Foi feita também uma visita ao Arcebispo de La Paz, posteriormente retribuída pelo Arcebispo Coadjutor e outro prelado, na qual se discutiram entre outros assuntos, a questão das seitas na América Latina e sua influência politizante.

Pastores e leigos de várias Igrejas bolivianas visitaram também a Junta durante uma das suas sessões para buscarem esclarecimentos sobre a realidade do CLAI, seus objetivos e política de ação. Da mesma forma a Junta recebeu também uma delegação de líderes sindicais, camponeses e operários, ligados à Assembléia Permanente dos Direitos Humanos, que descreveram a situação do país, num esforço de interpretar de maneira mais clara e completa aos oficiais do Conselho a situação boliviana, em cujo contexto se realizou a reunião.

Visita importante para o desenvolvimento das atividades e relações futuras do CLAI, foi a que lhe fez Allan Kirton, Secretário Geral do Conselho Cristão do Caribe. Allan enfatizou a necessidade de se estabelecer maiores contatos entre os dois conselhos continentais, uma vez que a problemática ecumênica, política, econômica e social que ambos enfrentam, é semelhante e tem muitos entrelaçamentos. Há países do Caribe e da América Central onde há Igrejas que pertencem a ambos, o que mostra ainda a maior necessidade de intercâmbio e entendimento.

CARTA DE SOLIDARIEDADE À NICARÁGUA

Os membros da Rede Latino Americana de CCPD (Comissão para a Participação das Igrejas no Desenvolvimento do Conselho Mundial de Igrejas) reunido na cidade de Manágua, temos sido, testemunhas, uma vez mais, das angústias e sofrimentos do povo nicaraguense. Povo que anela e busca a paz, decidido a construir uma sociedade em justiça e liberdade, onde a vida seja realidade.

Este povo pequeno e laborioso, que conquistou com dignidade o direito a construir uma nova Nicarágua, desde o triunfo sobre a ditadura somozista vem suportando uma agressão generalizada no terreno militar, econômico e político. Disposto a realizar todos os sacrifícios e renúncias para obter a paz, sempre que não comprometam a sua autodeterminação política, nem sua soberania nacional, se vê atropelado e agredido pelo governo dos EEUU.

Na atualidade assistimos a uma reativação e aprofundamento desta agressão, encoberta por trás de um chamado "Plano de Paz" apresentado pelo presidente Reagan, que busca a aprovação dos fundos de ajuda aos contra-revolucionários por parte do Congresso dos EEUU, como um meio de legitimar sua política de agressão e como caminho e posteriores ações contra o povo e nação da Nicarágua. Desta maneira se obstaculizam a proposta e conquistas de pacificação do grupo de Contadora e se demora a

reconstrução da Nação.

Como cristãos aqui reunidos e coerentes com as resoluções aprovadas na VI Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em Vancouver, expressamos nossa solidariedade com o povo de Nicarágua. Queremos fazer ressaltar que na proposta de paz de Reagan se instrumentaliza uma vez mais a hierarquia da Igreja Católica colocando-a frente a esta realidade prenhe de dor e incerteza, mas cheia de fé e esperança. Como cristãos comprometidos com os sofrimentos, angústias e esperanças do povo de Nicarágua e de todos os povos da América Latina que trabalham pela paz e sua libertação, manifestamos:

1. Nosso rechaço à política de agressão da administração Reagan como povo e governo de Nicarágua, exigindo que se respeite a autodeterminação dos povos para decidir seu próprio futuro.

2. A necessidade de continuar o caminho empreendido pelo Grupo de Contadora como solução dialogada para lograr a paz, demonstrando desta maneira que os países latino americanos podem solucionar seus próprios conflitos.

3. Nosso reconhecimento à dignidade e inteireza do povo da Nicarágua, que busca a paz na construção de uma nova sociedade, que em meio da mais dura agressão segue avançando nas tarefas de reconstrução nacional.

Assinam os grupos membros da Rede.

**TEOLOGIA DA
LIBERTAÇÃO:
UM DEBATE ECUMÊNICO**

APRESENTAÇÃO

A convocação de Leonardo Boff pela Cúria Romana, desencadeou um amplo debate sobre a chamada Teologia da Libertação.

Assunto até então restrito a certos círculos mais intelectualizados das Igrejas da América Latina, ou ainda a alguns segmentos mais avançados da pastoral popular, de repente alcançou a grande Imprensa. Dezenas de artigos polêmicos foram escritos favoráveis ou contrários.

O maior problema não é a Teologia da Libertação enquanto tal, mas sim, os interesses e setores da sociedade aos quais ela pretende prestar serviço. Também não é o fato de utilizar ou não o instrumental marxista, segundo alguns, porém, sua incessante denúncia do uso idolátrico e classista do discurso religioso e da religiosidade em geral.

Ao tema não ficaram insensíveis as Igrejas Protestantes. Aliás, suas instituições de ensino teológico têm sido abaladas pelas discussões em torno do "novo modo" de se fazer teologia. Amigos e desafetos da Teologia da Libertação nem suspeitam terem sido pensadores evangélicos que nos anos 50, deram origem a "esse movimento chamado Teologia da Libertação".

No seu propósito de prestar serviço às Igrejas e movimentos populares, o CEDI através do seu PROGRAMA DE ASSESSORIA À PASTORAL PROTESTANTE, decidiu promover um painel sobre o assunto numa perspectiva ecumênica e privilegiando o público evangélico, vítima freqüente da manipulação de informações por interesse reacionários e conservadores.

Causou surpresa positiva o grande número de pessoas que se mostraram interessadas e lotaram o auditório do Instituto Metodista Bennett na noite de 25 de setembro de 1984. Após as preleções, inúmeras questões foram apresentadas, evidenciando a curiosidade dos pastores, seminaristas e líderes leigos presentes. Tinham certamente, como pano de fundo de seu interesse, o desejo de servir mais e melhor à causa do Evangelho do Reino, através do serviço aos desfavorecidos.

O que se segue é o registro daquele evento de que participaram Rev. Jaci Maraschim e Ref. Júlio de Santa Ana (prelatores) e Paulo Ayres (coordenador). Aqui estão, na íntegra, as preleções dos ilustres teólogos convidados, seguidas das questões apresentadas pelos presentes. Trata-se de uma publicação modesta cujo único objetivo é subsidiar a reflexão dos irmãos e companheiros que lutam na frente comum, cheios de "esperança, juventude e fé".

J. B. F.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UM DEBATE ECUMÊNICO

A) Fala do Rev. Jaci Maraschin:

Quero em primeiro lugar agradecer aos organizadores deste encontro, o convite que me foi feito para compartilhar aqui com vocês um pouco das preocupações, das experiências que a gente tem tido no debate atual sobre a Teologia da Libertação.

Teologia da Libertação: Um movimento

Falar em Teologia da Libertação é hoje uma tarefa muito difícil, porque virou moda e cada pessoa tem, na sua imaginação, um modelo específico de Teologia da Libertação. Então nós, o participantes, vamos falar daquilo que é a nossa experiência, em relação a esse movimento chamado Teologia da Libertação. Vejam vocês, eu já estou dizendo que se trata de um movimento, e não realmente de uma Teologia. A rigor, deveríamos dizer que há teologias da libertação, que tomam o tema da libertação, a experiência da libertação, a esperança da libertação como norma de trabalho. Esse movimento teve início a partir de experiência muito duras, de escravidão, no âmbito social, político e econômico, principalmente em nossa América Latina, embora também tenha aparecido em outros países do Terceiro Mundo. E mais recentemente, até mesmo em países do Primeiro Mundo. Hoje em dia há uma Teologia da Libertação florescendo, por exemplo, nos Estados Unidos da América. O que há de novidade? Não estiveram sempre os cristãos preocupados com os oprimidos, com os sofrendores? Não é a caridade cristã um traço marcante da experiência da Igreja, caridade essa precisamente porque a Igreja se viu em confronto com os pobres, com os oprimidos, com os rejeitados? Que há de característico nesse tipo de fazer teologia que tanto despertou a atenção do homem contemporâneo e que com tanta paixão envolveu a tanta gente, tanto a favor como contra?

Bem, me parece que a questão fundamental que está aí no interior do movimento chamado Teologia da Libertação é a questão hermenêutica, e isso significa o reconhecimento de que a teologia é feita a partir de um lugar, é situada; é feita a partir de um comprometimento com uma situação e também o reconhecimento de que é feita por alguém. Ou seja, quem faz teologia? A pergunta pelo "quem" tornou-se uma pergunta extremamente importante, porque até então o "quem" da teologia eram os profissionais da teologia. Teologia era feita nas academias, nos seminários, nas universidades e, de repente, a Igreja ou as comunidades religiosas, cristãs, começam a se dar conta de que elas estão fazendo teologia, elas são esses "quem". Então, o povo faz teologia, o povo se reúne e, enfrenta os problemas, os sofrimentos de seu dia-a-dia, lê a Bíblia, faz perguntas, se reúne em oração, em culto e, naturalmente, a reflexão começa a surgir da prática na qual ele está envolvido. A coisa fundamental então é o reconhecimento de um comprometimento e a presença bem clara de uma postura ideológica que está presente em qualquer fazer-teológico. Que quer dizer isto?

Ainda outro dia eu estava dando uma aula de hermenêutica em São Paulo, lá no nosso Centro de Pós-Graduação, e um aluno, professor de um seminário, (o curso é de mestrado) disse: "Bom, qual é a diferença entre teologia revelada e teologia natural?" Eu lhe disse: Você está fazendo uma pergunta de caráter histórico, isto é, qual *era* a diferença, não é?" Ele ficou um pouco intrigado e disse: "Sim, porque há uma teologia que é revelada, não é?" Eu disse: "Não. Eu não conheço nenhuma teologia que tenha sido revelada, eu ouvi falar, lendo a Bíblia e pela experiência da tradição cristã, que Deus se revelou, que Deus se revela; mas Deus nunca revelou uma teologia".

É o Cristo quem liberta

Aliás, isso leva a uma falsa pergunta que é feita assim de forma caricatural pelos inimigos do movimento da Teologia da Libertação, que é: "De quem liberta a Teologia da Libertação?" Eu sempre disse: "Olha, a Teologia da Libertação não liberta ninguém de coisa nenhuma, ela não é um instrumento de libertação. Ela é um instrumento de reflexão de uma prática, essa sim, libertadora e, para nós cristãos, é o Cristo quem liberta. Liberta através de mediações nesse processo de libertação". Então vejam que a Teologia da Libertação não é um movimento de revelação divina, não cai do céu em placas de ouro; é apenas o resultado do nosso envolvimento, do nosso compromisso que nasce da nossa fé em Jesus Cristo, em relação com o mundo, com o ambiente, com a sociedade na qual vivemos.

É interessante essa controvérsia atual Ratzinger e nosso amigo Leonardo. Ratzinger naquele momento primeiro do documento diz: "É, de fato, a gente não pode ver nenhuma heresia nos escritos desses teólogos engajados na libertação". Não é heresia, então como vamos condená-los? É preciso criar certos fantasmas no meio desse movimento, para então atacar os fantasmas como se fossem realidades.



Caricaturas levantadas e Marxismo

Há pouco eu estava lendo um livrinho que saiu recentemente, aqui no Rio de Janeiro, sobre Teologia da Libertação, em que há uma série de caricaturas que são levantadas, colocadas pelo autor para melhor atacar a Teologia da Libertação. Caricaturas, por exemplo, como esta: na Teologia da Libertação a reflexão parte da práxis e não da Palavra de Deus. Vejam vocês a má fé que está nessa expressão. Ora, essa prática da qual a Teologia da Libertação parte é uma práxis relacionada, comandada, nascida da Palavra de Deus. Não são pois duas grandezas que se colocam, que a gente deve ou pode colocar em oposição. Daí a caricatura que se faz para melhor atacar o movimento, claro, por motivo de natureza ideológica. Outra acusação é de que a interpretação da Bíblia é tendenciosa, pois se faz sob a ótica marxista. Eu perguntaria qual foi a interpretação da Bíblia que, desde que a Bíblia existe, não foi tendenciosa. Por que será no Conselho Mundial de Igrejas há trezentas e três denominações diferentes? Por que será? Porque há leituras diferentes que são feitas a partir de tendências diferentes e vocês acrescentem a essas trezentas e três as outras quinhentas ou seiscentas que, por outras tendências, não estão lá, no Conselho Mundial de Igrejas. Portanto, algum tipo de interpretação quer se considerar fora de uma tendência é realmente uma ilusão, não é? Parece-me que falta nessa apreciação toda um fator hermenêutico considerado com seriedade.

Uma outra caricatura que é feita é que a teologia da libertação ou os teólogos da libertação confundem o Reino de Deus com projetos ou sistemas humanos. Eu pelo menos não conheço em nenhum dos escritos dos nossos amigos da libertação algum que tenha confundido, que tenha dito que o Reino de Deus é igual ao regime socialista da União Soviética. Não conheço, não lá em nenhum escrito (gostaria que alguém me mostrasse, me provasse, então eu mudaria de opinião), mas não achei ninguém que tenha tão ingenuamente dito isto, que o Reino de Deus se confunde com um regime socialista. É até provável que o Reino de Deus tenha alguns desses elementos, e que todas as pessoas participem de todos os bens da vida e da alegria geral, mas que isso seja um regime socialista, que a gente encontra hoje em dia no nosso mundo, é uma caricatura. Mais uma.

A questão extremamente controversa e que está muito presente nos debates atuais da controvérsia do Vaticano com o teólogo brasileiro, é o uso do instrumental marxista de análise da realidade. Isso não é uma caricatura, mas ele diz o seguinte: Para os cristãos não há necessidade de recorrer ao marxismo para entender as situações de pecado do homem e da sociedade contemporânea, basta que estudemos a Bíblia atentamente, estejamos com os olhos abertos para a realidade. Na verdade, isto é como se fosse possível se desvincular as questões que são levantadas pela cultura, pela sociedade e portanto pelas disciplinas que instruem a cultura e a sociedade, que são a sociologia, a política, a economia, a filosofia. A filosofia durante muito tempo foi esse instrumental no *fazer-teológico*. Parece-me que esse movimento é bastante caricaturizado para ser atacado.

Eu queria apenas dizer, dar uma outra dica, é que o temário da libertação não se limita à opressão social, política e econômica. Os teólogos da libertação estão nesse momento com muita gente envolvida com outros tipos de opressão que estão presentes na sociedade da nossa experiência humana, como, por exemplo, a opressão do corpo, isso ge-

rando neste momento o que se poderia chamar de um início de uma Teologia da Libertação do corpo e essa libertação do corpo, então, relacionada com a sua correspondente opressão ou repressão, tendo diferentes níveis de tratamento, segundo os diferentes níveis da nossa experiência humana.

B) Fala do Prof. Júlio de Santa Ana

Teologia da Libertação e Reforma

O tema da Teologia da Libertação ganhou a rua nos últimos trinta dias no Brasil, através da imprensa, e à imprensa sobretudo interessa vender exemplares, vender espaços, vender prestígio. Infelizmente o debate que foi lançado através da imprensa não está discutindo os grandes temas da Teologia da Libertação. Estão se discutindo tendências dentro da Igreja Católica, estão se discutindo posicionamentos pessoas de teólogos, fazem-se entrevistas de hora e meia a pessoas engajadas na Teologia da Libertação, entrevistas essas traduzidas em apenas cinquenta ou sessenta palavras. Acho que é bom levantar o nível do debate, porque neste momento o nível está um pouco baixo.

Há mais ou menos dois meses atrás começamos a aparecer não somente aqui na América Latina, mas também na Europa, na Ásia, na África, nos Estados Unidos e Canadá, até mesmo nos países socialistas, artigos que indicavam interesse pela Teologia da Libertação. O cardeal da Cúria romana chegou aqui ao Brasil falando de um documento que iria liquidar com a corrente da Teologia da Libertação e colocar as coisas no seu lugar. Antes que fosse publicado o documento da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, famoso ex-Santo Ofício, Inquisição, apareceram na América Latina, na Europa, diversos manifestos. O documento cuja publicação estava prevista para quatro de setembro — não se sabe bem como nem por quê — furou aqui, num jornal, e o efeito que se pretendia com a publicação do documento naquela data, três dias antes do colóquio de Leonardo Boff no Vaticano, não teve o impacto que se esperava. No mesmo dia em que saiu o documento aqui, saiu no Vaticano, saiu também na imprensa européia e nos Estados Unidos, um documento assinado por cento e quatro teólogos, entre os quais estava Metz, Käseman, Moltmann, Doltezalle, Casalis, outros grandes da teologia européia, os vinte e um professores da Faculdade de Teologia Católica de Friburgo, apoiando principalmente a corrente da Teologia da Libertação e a possibilidade de que o teólogo pudesse fazer teologia com liberdade.

A febre virou epidemia e se não quero comparar o que está acontecendo neste momento das Igrejas com o período anterior da história da Igreja eu poderia ir ao tempo da Reforma, quando Martinho Lutero afixou as noventa e cinco teses na porta do castelo de Witemberg. A partir daquele momento o incêndio correu por toda a Europa. Acho que neste momento, como nunca antes, depois daqueles tem-

pos, possivelmente até no tempo da primeira Revolução Britânica, com Cromwell, ou da Revolução Holandesa — ambas motivadas profundamente pelo protestantismo e pelo protestantismo calvinista — a teologia nunca chegou a ter tanta importância na cultura como nestes dias. "Le Monde" fez editorial sobre a Teologia da Libertação. A edição semanal do "Guardian" publicou, na primeira página, um artigo sobre a Teologia da Libertação. Esses artigos também apareceram no "Wall Street Journal", sem falar dos jornais brasileiros e de outros jornais da América Latina. Dizia que a teologia ganhou uma vivacidade, chegou a ter um contato com o povo, com as massas, o que geralmente não tem, porque permanece seja nas faculdades, nos seminários seja entre os muros dos templos, e, poucas vezes, realmente chega à rua para mover a opinião pública como está acontecendo nestes momentos.

Teologia e novo sujeito histórico

Os fatos viraram acontecimento, e isso merece uma certa explicação. Explicação não se pode fazer sem conhecer o que seja brevemente a história, a evolução disso que se chama corrente, muito bem indicado por Maraschin, como movimento da Teologia da Libertação, onde existem várias tendências. Nós sabemos que as idéias não vêm do ar. Como fala Jorge Casalis, as idéias não caem do céu. Essas idéias que não caem do céu tiveram, principalmente no caso da Teologia da Libertação, sua situação, seu condicionamento, sua evolução dentro de um processo histórico, um processo histórico que não é somente latino-americano, mas que na América Latina possivelmente mais que noutros continentes, noutras partes do mundo, se deu com muito mais clareza.

Para falar muito sinteticamente, começou a emergir, do fim dos anos cinquenta para cá, uma nova situação histórica, um conceito que verdadeiramente pode definir essa mesma situação, tanto na Ásia, na África, na América Latina, como entre os jovens: o conceito de libertação. E esse conceito vai acompanhado com a emergência do sujeito histórico, novo protagonista, que ainda não chegou a um caminhar homogêneo, mas que se está estabilizando e que estava sendo instituído, estruturado há muito tempo atrás, e esse sujeito histórico, a grosso modo, é principalmente as camadas populares. Chegou a hora da libertação dos povos e a libertação dos povos se faz dentro do processo de descolonização, se faz através de processos de autonomia histórica como aqueles que apareceram na Ásia. Se faz também através do novo espírito, da nova consciência que vai ganhando mais e mais espaço na América Latina. É suficiente comparar, por exemplo, a linguagem dos jornais de quinze anos atrás com a linguagem de agora, para então perceber a mudança dessa consciência histórica. São fatos, não são interpretações. É somente uma questão que salta aos olhos para qualquer pessoa que saiba ler com certa inteligência.

Esse sujeito histórico aparece também com projeto próprio e com uma práxis própria. Se o projeto próprio é bom, pode ser traduzido em termos de socialismo, mas o povo não pensa primeiro no socialismo. Esse sujeito histórico, essas camadas populares estão pensando numa sociedade mais livre, mais fraterna, uma sociedade na qual as exigências da

vida sejam menores, uma sociedade na qual, em primeiro lugar, as necessidades básicas das grandes populações humanas possam ser realmente satisfeitas. Uma sociedade na qual não exista, como fala a UNICEF*, essa situação tão terrível de doze a quinze milhões de crianças de menos de três anos de idade que morrem por ano. Quando nós pensamos que na Segunda Guerra Mundial tivemos sessenta milhões de mortos e que, num ano, somente crianças, estão morrendo vinte e cinco por cento desse total, o que significa isso em termos de pena, de tristeza, de opressão? O povo está pedindo aquelas coisas e esse projeto se traduz cientificamente, em termos muito vagos, como socialismo. Que tipo de socialismo, não se sabe, porque são tantos tipos de socialismo no mundo, que aí principalmente tem-se que ser cuidadoso, e evitar generalizações.

Socialismo é uma palavra que assusta e que sobretudo assusta aqueles que estão no poder, no mundo capitalista. Tanto é que o socialismo existe na Suécia e também nas comunas italianas, como na província de Bolonha. Socialismo existe também não somente na União Soviética, mas existe em Angola, em Moçambique. São todos socialismos diferentes. E que tipo de socialismo precisamente busca-se não se sabe.

Teologia no contexto de libertação

Esse projeto de libertação vai acompanhado de uma práxis, e a práxis se manifestou muito cedo a partir principalmente dos anos sessenta. Essa foi a grande contribuição do primeiro livro sobre a Teologia da Libertação, escrito por um brasileiro. Infelizmente não está publicado em português. O livro foi de Rubem Alves, publicado em inglês, depois em castelhano e levava como título "Uma Teologia da Esperança Humana". Entretanto o título original, registrado na Universidade de Princeton, da tese de doutorado, era "Nasce uma Teologia da Libertação". E o livro de Rubem começa falando de três fatos que mostram essa práxis da libertação do mundo: primeiro, a libertação dos povos do Terceiro Mundo; segundo, a libertação dos jovens, que naquele ano de 1968 quando estava sendo escrita essa tese, se mobilizavam, se movimentavam em todo o mundo, também por maiores liberdades de estudo e por um projeto de nova sociedade; em terceiro lugar, o movimento da contra cultura, que provocava e procurava uma nova cultura.

Dezesseis anos depois se fez muito caminho, a partir desse ponto. Apareceram regimes e movimentos de muita repressão, mas também essa libertação se foi ampliando na história. Eu me lembro que nas primeiras reuniões que nós fazíamos, lá pelos anos setenta, quando nos encontrávamos com Rubem, com Hugo Assmann, com Gustavo Gutierrez, com Miguez Bonino, com Juan Luiz Segundo, e tantos outros, para discutir as questões de Teologia da Libertação — Leonardo estava na Europa. A Teologia da Libertação não faz o teologúmeno da libertação. A libertação não é uma categoria privilegiada nesse tipo de teologia. O que acontece é que se faz teologia no contexto de libertação. É nesse contexto, de uma práxis de libertação, que se colocam as perguntas teológicas tradicionais e clássicas, que são as perguntas de sempre: Quem é Deus? Quem é Jesus Cristo? Como está agindo o Espírito Santo, quer dizer, a liberdade? Vocês se lembram daquela afirma-

ção de São Paulo na Epístola, principalmente na segunda aos Coríntios, "onde está o Espírito, há a liberdade". Que significa o Reino de Deus? Que é a Igreja? Que forma deve tomar a Igreja no contexto de uma praxis de libertação? São perguntas que mostravam principalmente essa transferência de um bloco histórico dominado por posições muito bem instituídas, para um bloco histórico que se vai desenvolvendo, onde o elemento que está marcando a vida, a cultura dos povos é principalmente o da libertação.



Diversas tendências da Teologia da Libertação, e Protestantismo

A forma de responder a essas perguntas foi uma parte principalmente desse movimento e mostrou também as diferenças de tendências que existem dentro desse movimento. Algumas mais políticas, como a de Hugo Assmann; outras muito mais eclesiais, como a de Leonardo Boff; outras muito mais éticas, as que aparecem em Gustavo Gutierrez e Miguez Bonino; outras que são muito mais populares, como a de Pablo Richard; outras que estão brigando com os temas econômicos, como a de Franz Kinkelammert. Quer dizer, há uma riqueza muito grande na Teologia da Libertação. Há muita vida nessa corrente de teologia. O que não se pode dizer é que tal corrente esteja esgotada. Tem muita "corda" e para muito tempo.

Agora, frente aos fatos precisamente, nós estamos contexto protestante. Eu queria fazer uma pergunta: É compatível essa teologia com o protestantismo? Vamos pensar um pouco nos grandes princípios do protestantismo. Ver as grandes afirmações fundamentais do protestantismo: O protestantismo afirma principalmente:

- que a nossa salvação é salvação de graça, é o princípio da "sola gratia";
- que somos justificados principalmente frente a essa Graça que nos salva, através da fé, princípio da "sola fide";
- que, para isso, nós nos baseamos no registro da memória do povo de Deus que está contido nas Escrituras; princípios da "sola scriptura" (para que a Escritura nos fale é necessário que o Espírito Santo esteja falando através do texto, texto que muitas vezes não nos fala, mas é um testemunho interno do Espírito Santo que nos dá, através dele, a Palavra de Deus, a liberdade principalmente da revelação, a liberdade do Espírito Santo);

- que a comunidade, a Igreja, a Ecclesia, não é tanto uma instituição, se não precisamente uma comunidade de ministérios, uma comunidade onde nós praticamos o sacerdócio universal dos crentes.

Agora, todas essas coisas aparecem, de uma forma ou outra, afirmadas na Teologia da Libertação. Porque a libertação - e isso é muito claro no livro de Gustavo Gutierrez, como no de Rubem Alves - a libertação é uma Graça de Deus. Rubem Alves fala que dentro do círculo da história, comparando fatos e acontecimentos históricos como um círculo, quando todas as portas estão fechadas, de repente se abrem como um vetor dentro dos tempos, caminhos de libertação.

Libertação e Salvação pela Graça

Se a salvação vem pela Graça (salvação, no hebraico está muito próximo da palavra libertação, e a palavra Jesus pode significar ao mesmo tempo salvador ou libertador) pela convergência da língua, libertação também vem por Graça. Quando começamos a falar da fé, vamos tomar um texto (Hb. 11), e vamos começar a compreender o que é a fé. A fé é a coragem na caminhada. A caminhada de um povo que está procurando uma pátria melhor, um povo do qual esse mundo não era digno; não é digno. Isso que estão buscando os povos, que estão precisamente procurando a libertação em nosso tempo. Não é somente uma libertação para esta história, mas também a libertação somente metafísica, não é libertação, é mito, é engano, é falsidade da libertação. A libertação não é metafísica. A libertação é concreta. A experiência do Espírito Santo como a experiência da liberdade é a experiência nessa situação na qual estamos vivendo. Da mesma maneira a vida eterna, a vida que dá os frutos do espírito, os frutos da liberdade, os frutos da libertação se vive em tal situação. E contra os frutos da liberdade, contra os frutos do Espírito Santo, descritos no capítulo cinco de Gálatas, não há lei, o que quer dizer, não há repressão, não há opressão. A liberdade sempre triunfa. E aí aparece principalmente a raiz bíblica da Teologia da Libertação. Não somente a "sola fide", mas também a "sola scriptura", que afirma a ação do Espírito Santo. Vamos encontrar isso em alguns livros como os do Miguez Bonino, ou do padre Comblin (ensinando num Seminário para teólogos entre camponeses, lá em Recife). Falam do espírito na ação ou ação principalmente do Espírito Santo através da história. E o que falar de Igreja?

O grande problema que levanta Leonardo Boff como teólogo da libertação frente ao Vaticano, é quando escreve, não tanto em "Igreja, Carisma e Poder", mas noutro livro "Eclesiogênese", muito mais rigoroso que o primeiro. Entre as duas eclesiologias que são aceitas pelo documento "Lumen Gentium" do Vaticano, Leonardo escolheu uma, "Igreja, povo de Deus" e quando tenta traduzir essa eclesiologia em termos de organização, a eclesiologia que ele desenvolve é fundamentalmente calvinista, reformada, aceita, aliás, pelo Concílio Vaticano, quando diz que a Igreja tem que ser "reformata et semper reformanda". E aí aparecem precisamente os elementos da Teologia da Libertação. A eclesiologia não é uma eclesiologia católica, é uma eclesiologia de uma comunidade de ministérios. Aí está o gênio protestante também. Acho que a Teologia da Libertação é compatível com as idéias fundamentais da Reforma.

Gostaria de dizer mais uma coisa. Encontro uma teologia da libertação nos reformadores. Eu não posso compreender a teologia de Zwinglio sem ser uma Teologia da Libertação, na sua época; eu não posso compreender a teologia de Bucero e de Ecolan Pádio (o primeiro em Strasburgo, o segundo na Basileia), ambos reformadores, sem ser uma Teologia da Libertação. Muitas vezes nós, os protestantes, nos esquecemos daqueles que foram nossos predecessores no caminho. Aí estão, também, elementos de Teologia da Libertação

Novo tipo de Igreja que surge

Eu gostaria de terminar indicando uma questão central: a questão central que está em jogo não é a teologia. Teologia é uma coisa que vem depois. Há uma base para essa teologia e essa base é a realidade eclesial, a práxis eclesial. Como falou Maraschin, a Teologia da Libertação não se desenvolve fora da comunidade cristã, está principalmente surgindo, se desenvolvendo a partir dela.

O que está em jogo com a Teologia da Libertação é o novo tipo de Igreja que vai surgindo nos países do Terceiro Mundo e especialmente na América Latina. Esse novo tipo de Igreja rompe

com as formas, com os moldes que existiam há muito tempo atrás e pretende dar um testemunho no meio da sociedade. É a partir dessa práxis eclesial que surgem as perguntas teológicas que, respondidas, vão desenvolvendo essa linha, esse pensamento da Teologia da Libertação. Eu diria, para sintetizar, que o novo tipo de Igreja que vai surgindo na América Latina é a Igreja dos Pobres e quando falamos Igreja dos Pobres eu penso na Igreja do Novo Testamento. Que é a Igreja do Livro dos Atos, senão a Igreja dos Pobres? Que é a Igreja que está sendo defendida por Tiago em sua Epístola senão a Igreja dos Pobres? Que é o movimento de Jesus descrito por Marcos no seu Evangelho, senão uma comunidade de pobres? E a Igreja que vai surgindo neste momento, na América Latina, é principalmente a Igreja dos Pobres, e não somente na América Latina, também na África, na Ásia e em alguns lugares dos Estados Unidos e da Europa. Nenhuma teologia vale a pena se a comunidade eclesial não desenvolve, não cresce, não se consolida, não se reafirma através principalmente dos serviços da teologia. A verificação eclesial da prática da Teologia da Libertação mostra que neste momento, em muitos países do mundo, a evangelização ganha uma nova força, o testemunho ganha uma nova força; uma nova espiritualidade está sendo desenvolvida; isso não quer dizer que a Teologia da Libertação não tenha coisas para corrigir, mas quer dizer que a prática eclesial colabora, gratifica essa experiência nova que surge em meio desse bloco histórico do nosso tempo marcado pela libertação.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Opção preferencial pelos pobres

Pergunta: Onde é que ficaria a universalidade do Evangelho se nós dermos uma ênfase exclusiva aos pobres na pregação do Evangelho? Essa é minha primeira pergunta e minha primeira preocupação. A segunda preocupação é: a tradição dá autenticidade, dá identidade aos povos e ao grupo; se nós começarmos a ter uma atitude de iconoclastia, até que ponto o povo se poderá segurar, entender, compreender, ou será confundido ou terá as suas perplexidades não satisfeitas como povo de Deus?

Júlio: Falar de Igreja dos Pobres não significa que a Igreja só é dos pobres. Quando nós vamos ao Evangelho, nós encontramos precisamente essa prioridade dada aos pobres. Na mensagem de Jesus os pobres são os herdeiros do Reino, aos pobres é pregada a boa notícia, os pobres principalmente são os que recebem a revelação de Deus, "eu te agradeço, ó Pai do Céu e da Terra, porque revelaste estas coi-

sas aos pequeninos enquanto as escondeste dos sábios e entendidos". Quer dizer que o privilégio dos pobres na fé cristã não é um privilégio inventado pela Teologia da Libertação. É um privilégio que sai dos textos da Escritura, nós não podemos esquecer esses textos da Escritura.

Problemas de Hermenêutica?

Pergunta (intervenção): Está nas Escrituras dependendo do ponto de vista e da hermenêutica que se adote.

Júlio: Eu digo simplesmente que está nas Escrituras, ninguém pode apagar esses textos das Escrituras. Com nenhuma hermenêutica do mundo você vai apagar esses textos. O que quer dizer que o companheiro aceita que há manipulação de textos da Escritura. Eu acho que há diversas interpretações. Eu não posso falar de manipulação porque eu tento não manipular. Que Deus me perdoe se eu manipulo.

Agora, eu gostaria de continuar um pouco mais. Aparecem principalmente textos que dão essa prioridade aos pobres e ao mesmo tempo aparecem textos que estão orientados para aquelas pessoas que têm riquezas. Esses textos, que estão orientados para os ricos, estão exigindo que os ricos compartilhem com os pobres. O encontro do chamado jovem rico no Evangelho de Mateus, o administrador rico, e outros como o encontro de Jesus com Zaqueu. Temos também exigências que encontramos na Carta de Tiago para com os ricos, e as indicações pastorais de Paulo. Ele indica (2Co 8.4-15) que no meio da comunidade cristã, aqueles que nada têm, devem receber daqueles que têm. Isso significa para nós que a Igreja dos Pobres é aquela que privilegia atenção àqueles que não têm.

Essa tradição também se manteve durante os primeiros séculos da história da Igreja. Essa hermenêutica, como falava precisamente quem fez a pergunta, aparece nos grandes patriarcas de Constantinopla. Antes dos pa-

triarcas de Constantinopla, em Tertuliano, nos Padres Capadóci, em São Basílio e sobretudo no grande patriarca de Constantinopla, São João Crisóstomo. Aparece muito clara também essa tradição nos reformadores. É suficiente ler os sermões de Calvino em Genebra, para ver com que veemência o Reformador se referia aos ricos quando eles não partilhavam as riquezas que tinham com os pobres. A situação era diferente entre Calvino e a Antiguidade da Igreja, como também é diferente entre nós e Calvino. Mas a exigência permanece. A boa nova aos pobres, o Evangelho aos pobres, para os ricos é um desafio. Para o rico é principalmente um chamado a partilhar, a abandonar o deus da riqueza, Mamom. Tanto que para os pobres o chamado à conversão é diferente. O chamado à conversão para os pobres é para que acreditem que verdadeiramente o Reino dos Céus está chegando. Estão aí, precisamente, as diferenças de apelo do Evangelho a uns e a outros. Elas estão nos textos bíblicos, e considero que, qualquer que seja a hermenêutica, ninguém pode apagar.

Em segundo lugar vem a questão da derrubada das tradições. Bom, eu não sei, eu gostaria de maior explicitação da pergunta, sobre o que se entende por "tradições". Eu acho que para nós, protestantes, a Tradição que conta, a tradição com maiúscula, é a Tradição precisamente que está registrada na Bíblia. As outras tradições são tradições com minúscula. Eu pertencio à tradição metodista mas frente à Tradição bíblica, a tradição metodista para mim é minúscula. A tradição que conta principalmente é a Tradição bíblica. E a Tradição bíblica aparece de vez em quando nas práticas eclesiais e aparece também nas teologias. Eu acho que a prática eclesial das comunidades que se foram desenvolvendo com a Reforma Protestante estava dentro da Tradição bíblica e que a teologia que acompanhou esse desenvolvimento estava dentro da Tradição bíblica. Eu acho também que a renovação eclesial que se está dando hoje na América Latina está dentro Tradição bíblica, e que principalmente as teologias, as tendências teológicas que vão acompanhando estão também dentro da Tradição bíblica. Essa situação interpela as tradições com minúscula. Essa tradição muitas vezes faz os teólogos de uma denominação, tentarem redescobrir aspectos que permaneceram especidos. Por exemplo os

teólogos metodistas, neste momento, estão tentando compreender de que maneira Wesley, o fundador do movimento metodista, que depois se transformou em Igreja — mas que no começo foi um movimento não separatista da Igreja da Inglaterra —, de que maneira que Wesley relacionava a sua mensagem com os pobres de seu tempo. Estamos principalmente descobrindo coisas muito boas, especialmente a vocação do metodismo na defesa da liberdade contra o sistema de escravidão que existia no tempo de Wesley. Eu acho que isso mostra principalmente a pertinência não somente do metodismo no fim do século dezoito, mas também em nosso tempo, porque a liberdade é uma coisa principalmente a se defender. Agora, tudo isso está sendo movida pela interpelação que está hoje motivada pela Teologia da Libertação

Ricos muito perturbados

Maraschin: Eu quero compartilhar uma experiência com todos vocês, sobre essa questão da opção preferencial pelos pobres. Isso realmente é uma matéria que deixa os ricos muito perturbados e com toda razão. E todos nós aqui estamos muito mais para o lado dos ricos do que dos pobres, não é? E ficamos assim "encucados" não só por causa da Teologia da Libertação, mas por causa do Evangelho. Eu estive recentemente nos Estados Unidos pregando em uma igreja de milionários. Tudo lá era muito bonito, todo o pessoal muito bem vestido, me levaram para comer no Country Club, e foi tudo assim de uma esplendor incrível. E eu preguei precisamente sobre a opção preferencial pelos pobres, o fato de que aos pobres é anunciado o Reino de Deus, e como pregar aos ricos? Então acho que esse é um problema que não afeta a todos, mas me parece evidente, que se é mais fácil um Mercedes Benz passar por uma porta giratória de vidro do que o rico entrar no Reino dos Céus, não é, todavia, impossível que o rico entre no Reino dos Céus. Ora, o Evangelho é naturalmente pregado a todos. "Ide, anunciai o Evangelho a toda criatura". Porém, a maneira, o efeito da pregação do Evangelho é diferente para um pobre, e para um rico. O que se exige, o tipo de conversão que se exige de um rico é semelhante àquele pedido de Jesus ao moço rico e que ele não pôde receber. Eu não estou dizendo que Jesus pede a

mesma coisa de todos os moços ricos, mas aquele é um exemplo.

Parece que a coisa fundamental é a conversão do rico, não só a conversão do coração do rico, mas a conversão da classe. Pede-se ao rico que traia a sua classe de rico, a sua classe social de opressor e coloque a sua riqueza, o seu prestígio ao lado do pobre, ao lado da luta do pobre. Isso a gente tem verificado no mundo contemporâneo e isso tem acontecido, em que pessoas de recursos, ouvindo o Evangelho e se convertendo, colocam-se inteiramente a serviço do pobre. Para mim parece que esse tipo de chamada de conversão é também um dos significados da opção preferencial pelos pobres; vejamos que preferencial, não é unilateral.

Teologia e Corpo

Pergunta: Não entendi a ligação que mencionou entre teologia e corpo.

Maraschin: Quem é o cristão? O cristão somos nós; nós, como cristãos, somos corpos. A opressão se manifesta no corpo, não apenas no corpo mal nutrido, também aí. Já me disseram que uma das marcas da pobreza é a falta de dentes. Você vai tirar fotografia numa favela e manda que o pessoal sorria, aí aparece a marca da pobreza, de forma muito clara, no corpo, na falta de dentes. A opressão, o domínio que os opressores exercem na nossa sociedade sobre os oprimidos é manifesto no corpo. Você olha a aparência das pessoas, e vê a falta de saúde, no corpo do prisioneiro, no corpo hospitalizado, no corpo do louco. Foucault parece que tem uma contribuição muito grande na análise desse fenômeno no mundo contemporâneo, principalmente no "Vigiar e Punir", e em muitos outros. A questão da repressão do corpo pelo capitalismo no sentido de estabelecer modelos de beleza, de tal maneira que se você não compra um certo número de cosméticos, não vai em certos clubes, num Bella Center, num clube de recuperação da beleza do corpo, segundo certos centímetros, certas medidas que são estabelecidas pelos ricos, você é feito. Então se perdeu o sentido da beleza enquanto manifestação do Divino no humano. E é preciso que a recuperação do corpo, seja a salvação do corpo e não apenas aquilo que, pela herança dos gregos, a gente se acostumou a chamar de "salvação da alma"

Leste Europeu e Teologia da Libertação

Pergunta: Júlio, poderia oferecer-nos informações sobre se a Teologia da Libertação tem alguma repercussão nos países do Leste europeu?

Júlio: Tem alguma repercussão ao nível de informação. Quando querem receber informações sobre os teólogos da América Latina ou da África, como, por exemplo, Alan Boesak, o qual trabalha também na linha de Teologia da Libertação, então eles convidam teólogos latino-americanos, sul-africanos a dar palestras nos seminários, nas faculdades de teologia, especialmente ortodoxas, dos países do Leste europeu. Também em algumas de caráter de orientação calvinista, como as faculdades de teologia da Igreja Reformada Húngara. Alguns dos artigos dos teólogos são traduzidos nesses idiomas e publicados nas revistas especializadas de teologia. É só o que eu posso dizer nesse particular.

Pergunta: Na perspectiva da Teologia da Libertação em síntese, qual é a práxis proposta para a evidência eclesiológica do Reino, Mundo, Igreja como comunidade libertadora?

Maraschin: Não sei se entendi, mas ele está perguntando qual é práxis proposta? Bem, não é realmente uma práxis proposta. Um grupo de pessoas não se reúne e diz assim: "Bem, gente, qual é a práxis que nós vamos propor nessa situação?" Como se eles estivessem fora da situação, chegassem lá de pára-quebras e fossem então fazer uma proposta ao pessoal que está lá naquele centro eclesial. Eu tenho impressão de que isso deve ter ficado claro, também nas palavras do Júlio, de que todo o processo de libertação é um processo situacional, é um processo de contexto, de uma situação onde a luta pela libertação está sendo travada. Não é uma proposta que vem de fora, mas é um evento, é um acontecimento, é uma experiência que está acontecendo no meio da gente. Eu vejo, por exemplo, no pessoal de muitas Comunidades de Base no Brasil, e também conheci algumas no Peru, que aquela gente não está falando a partir de livros ou de encíclicas ou de aulas que porventura os padres ou os pastores tenham tido no seminário, mas eles estão refletindo a partir de um projeto no qual eles envolvidos.

Instituto de Religião e Democracia — Libertação

Pergunta: A Teologia da Libertação surge como um grito dos oprimidos do Terceiro Mundo a Deus. Pergunto: Que ligações teria a Teologia da Libertação com a preocupação do Instituto de Religião e Democracia criado nos Estados Unidos?

Júlio: Lá por 1981 foi criado, nos Estados Unidos, através da ação conjunta de pessoas e instituições o Instituto de Religião e Democracia. Entre as autoridades desse instituto estão a senhora Jeane Kirkpatrick, que é embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas; está o sociólogo Peter Berger, que foi um dos grandes contribuintes para o desenvolvimento da renovação dos estudos da sociologia da religião, especialmente a religião cívica nos Estados Unidos ou a religião civil, como é chamada; está também um teólogo protestante, muito importante, da Universidade de Harvard, Richard Neuhaus; está também um teólogo católico, que passou a estado leigo e que se transformou nos últimos anos no teólogo que tenta legitimar a ação das companhias transnacionais do mundo, Michael Novak. Há outras pessoas. Contam com o apoio da American Association Enterprises, Associação Americana de Empresas e editam várias coisas de uma qualidade tipográfica muito boa, às vezes também do ponto de vista intelectual, qualidade esta que merece ser conhecida, estudada e aprofundada.

Dentro da percepção do mundo que vai orientando a ação e os trabalhos do Instituto de Religião e Democracia, existe a convicção de que há uma revolta organizada contra o mundo democrático, chamado mundo livre, e que parte dessa revolta está sendo canalizada por elementos religiosos, por exemplo, no Irã, através da revolução iraniana, dirigida pelo Aiatolá Komehine e aqui na América Latina pela força que tomou o movimento popular, especialmente as Comunidades Eclesiais de Base, que têm o apoio na Teologia da Libertação. Antes de ser criado o Instituto de Religião e Democracia, as pessoas que agora compõem esse Instituto, Novak, Neuhaus, Berger, Kirkpatrick e outros, ajudaram a redigir um documento muito importante que é chamado "Documento de Santa Fé". Um documento que encerra as colocações que orientaram a Administração Reagan a partir de 1981. O documento de

Santa Fé foi elaborado em 1980. O que quer dizer que para o Instituto, também para as pessoas que compõem o Instituto, a Teologia da Libertação é uma coisa que tem que ser combatida. A Teologia da Libertação é principalmente uma coisa perigosa. A Teologia da Libertação, na medida do possível, ou as correntes da Teologia da Libertação, a maioria das correntes têm que ser afogadas, dentro do possível.

Prática, Fé, Obras, Revoluções

Pergunta: A Teologia da Libertação inicia-se a partir de uma prática e então surgem as indagações teológicas ou inicia-se antes da prática, isto é, quando ela é formulada já existiu uma ação prévia?

Maraschin: Vamos olhar para o início da teologia e esquecer por um momento o movimento contemporâneo da Teologia da Libertação. Como é que surge a teologia? Ela surge da experiência dos cristãos em face do mundo no qual eles estão vivendo, ao enfrentar outros tipos de religiões, de mensagens, de situações políticas. Então os livros da Bíblia que de certa maneira são os primeiros resultados de reflexão teológica, eles surgem de dentro da experiência, da vida, realmente vivida. São Paulo escreve suas cartas e faz suas reflexões dirigidas, datadas, com endereço certo, reflexões que se relacionam com os problemas que o pessoal ali está vivendo e que partem do convívio que ele tem com aquelas pessoas e com aqueles problemas. Vocês poderiam perguntar: "Houve então uma época em que a teologia se divorciou, ela se tornou normativa, isto é, ela começou a vir de cima para baixo?" Parece que sim. Houve sempre talvez uma oscilação, a história da teologia perdeu de certa maneira aquilo que seria, digamos, o resultado da vivência do povo, do povo das comunidades e registrou apenas aqueles grandes momentos de criatividade, que são os grandes teólogos do passado. Na prática atual da Teologia da Libertação, ela surge, e isso foi dito aqui mais de uma vez, do envolvimento, daquilo que se está vivendo em relação com a Palavra de Deus, com o Evangelho. Não é que a prática determina o Evangelho, a prática se relaciona com o Evangelho e desse relacionamento é que surge a reflexão, e não o contrário.

Pergunta: Se a fé sem obras

é morta e se o protestantismo se caracterizou pelas suas obras libertadoras, os crentes não estariam praticando essa Teologia da Libertação?

Júlio: Que o protestantismo esteve engajado, envolvido em tarefas concretas da libertação, não escapa a nenhum estudioso da história. Ninguém pode compreender o desenvolvimento principal do processo gradual de libertação moderno sem o concurso do protestantismo. Nós não podemos compreender a revolução inglesa sem o protestantismo, não podemos compreender a revolução holandesa sem o protestantismo, é que o protestantismo surgiu na história junto com uma classe social emergente naquele momento. O sujeito histórico emergente no século XVI e no século XVII, e que chegou a tomar o poder a partir do fim do século XVIII para a frente, foi a burguesia. Paul Tillich, um dos grandes teólogos protestantes, indica principalmente que o protestantismo se ligou de tal maneira à burguesia que a menos que se separe dela, que tome distância, vai ficar fora da história quando a burguesia passar. É o que está acontecendo a partir de mais ou menos sessenta ou setenta anos. A pergunta que eu tenho que fazer é a seguinte: que é mais importante, a Tradição Bíblica à qual se refere o protestantismo ou as tradições burguesas? A Tradição Bíblica é uma tradição com relação ao povo de Deus, e o povo de Deus primeiro foi nômade, depois foi camponês. E depois foi um movimento urbano.

O cristianismo surgiu, em primeiro lugar, com as cidades e depois passou a ser camponês de novo, a partir do segundo e terceiro séculos. A grande transformação da Igreja antiga é quando a Igreja deixa de ser uma igreja primordialmente em Roma, em Corinto, em Éfeso etc., e passa a se preocupar pela evangelização dos camponeses, é quando surge o movimento monástico, a base da evangelização são precisamente os mosteiros, para tentar penetrar no mundo rural. Agora se o protestantismo segue ligado à burguesia, classe social a qual se desenvolveu, cresceu, amadureceu, quando a burguesia perde a sua vigência histórica, como está acontecendo neste momento, infelizmente o protestantismo vai mostrar que vai ter ou teve maior lealdade a uma classe social que ao Deus da história. A nossa fidelidade não é a uma classe social. A nossa fidelidade é acompanhar principalmente o movimento do Espírito Santo através do Povo de Deus. E o movimento do Espírito

Santo através do Povo de Deus se manifesta principalmente quando surgem expressões da liberdade em meio da história. Também se manifesta de outra maneira, mas há uma coisa que tem que ser levada a sério. Nós não estamos ligados a uma classe social, como protestantes. Nós, como protestantes, estamos em primeiro lugar ligados à melhor Tradição do Povo de Deus, aquela que está registrada na Bíblia e não pode acontecer que as ligações, as lealdades a uma determinada classe social sejam mais importantes que as lealdades que têm que ser dadas ao Deus verdadeiro e ao Povo de Deus pelo qual esse Deus está agindo.



Dois Maneiras de Fazer Teologia: Confronto

Pergunta: Aliás, uma consideração e duas perguntas que estão relacionadas entre si e que vou fazer concomitantemente. Em primeiro lugar a consideração: "Como o próprio Prof. Júlio de Santa Ana disse, a Teologia da Libertação é extremamente rica e variada. Assim, se for de fato nosso desejo levantar o nível do debate, não nos cabe caricaturá-lo. Portanto há de se reconhecer primeiro que a instrução da Sagrada Congregação não ataca a Teologia da Libertação, muito ao contrário, reconhece a existência de uma autêntica Teologia da Libertação, evidencia seus fundamentos bíblicos, reforça e estimula sua ação, mas chama a atenção sobre alguns desvios de algumas correntes; segundo: o problema da forma como Roma coloca é eminentemente teológico. Isto o Prof. Júlio de Santa Ana pareceu confirmar, quando buscou identificar Boff com o Calvinismo e algumas correntes com o protestantismo. A instrução do Vaticano é também aberta sobre esse aspecto, quando fala de uma

hermenêutica bíblica marcada pela racionalismo. São estes elementos importantes que não devem ser omitidos num debate sério, ao ponto de prejudicar qualquer ecumenicidade, como poderia desejar a grande imprensa de forma a atingir a prática libertadora dos povos. Dentro dessa temática, há duas questões que estão dirigidas igualmente aos apresentadores. Qual a expectativa do pessoal da Teologia da Libertação com relação à atitude da Igreja Católica, da Cúria Romana, a partir do encontro com Boff? E como vocês, na condição de protestantes, viram a recente instrução do cardeal Ratzinger sobre a Teologia da Liber-

tação? Isso é um documento restrito ao ambiente católico? Ou faz uma referência a todos os que fazem teologia a partir do processo de libertação dos pobres?

Maraschin: Eu acho que o cardeal Ratzinger fala como um teólogo clássico e fala muito bem, na verdade a primeira declaração de Ratzinger foi comentada publicamente aqui no Brasil pelos irmãos Boff num artigo publicado na Folha de São Paulo. O que me chama a atenção, e me parece problemático, no processo que está sendo levado a efeito em Roma, me parece ser um problema de método. O cardeal Ratzinger examina a Teologia da Libertação, ou melhor, aquilo que ele considera desvios do que seria uma legítima Teologia da Libertação, a partir de uma postura do fazer clássico da teologia. Nesse sentido, a crítica vem de uma forma de se fazer teologia contra uma outra forma de se fazer teologia que não se submete a metodologia clássica. Como nós temos visto aqui neste painel, a teologia clássica parte de um corpo de doutrina que foi estabelecido pela autoridade ou pelo magistério da Igreja, aliás, uma formulação de doutrinas, e daí há toda uma série

de deduções que são de natureza lógica. A Teologia da Libertação faz o contrário. Primeiro ela, em nenhuma das correntes, em nenhum dos teólogos, pretende estabelecer um corpo completo de doutrina. Mesmo Leonardo Boff, que escreveu mais de trinta livros, nele vocês não encontram um sistema, no sentido clássico de sistema, ou seja, uma doutrina de Deus, da criação, de Cristo, do Espírito Santo, do homem. Não há esse tipo de preocupação.

É uma teologia que vai sendo feita a partir das necessidades, que vai surgindo do meio da vivência do povo. Ora, como é que você vai aplicar o método da teologia clássica, para julgar e analisar o método de uma outra maneira completamente diferente de se fazer teologia? Aí é que está o nó do problema e é como você comparar grandezas que são completamente desiguais, que não têm quase nada a ver uma com a outra.

Júlio: Eu não sei que expectativa existe, entre os teólogos da libertação, em relação ao futuro. Eu acho que o problema não é a disputa que se está levantando neste momento com as autoridades de uma determinada Igreja. O problema que se coloca é um problema de fidelidade à experiência eclesial que está sendo desenvolvida pelo povo, a evangelização do povo, dentro dessa prática de libertação. Aí surgem perguntas que são inevitáveis para o teólogo. Eu queria acrescentar uma coisa mais sobre aquilo que falou o Maraschin, que é o seguinte: A teologia clássica é uma teologia que trabalha com essências. Isso vem principalmente a partir do século quinto até mais ou menos fim do século XVIII. Com o triunfo das idéias aristotélicas, na Idade Média, isso se afirmou ainda mais. A Reforma, especialmente Lutero, foi uma resistência contra esse essencialismo em teologia. Agora, acontece que na cultura que se vai desenvolvendo desde o fim do século XVIII, nós já não pensamos mais com essências. Nós pensamos em termos de historicidade, nós pensamos principalmente em termos dos acontecimentos.

As essências podem ser combinadas, não há contradição entre essências, é por isso que, principalmente a teologia clássica, simplificada por Ratzinger, não pode aceitar a idéia de que existem conflitos sociais, nem sequer conflitos sociais agudos, menos ainda o que eles chamam "luta de classes". A teologia clássica concilia tudo isso.

Agora, quando se trabalha

com mediações históricas, estamos no mundo da contradição e o mundo da cultura contemporânea, em qualquer lugar do mundo moderno (cultura asiática, latino-americana, ou as várias culturas latino-americanas e africanas) é um mundo de culturas que está afirmando as contradições. Por quê? Porque afirma as mediações históricas e as mediações históricas mostram precisamente o fato das contradições.

Hermenêutica Racionalista?

Júlio: Eu gostaria de falar sobre a instrução da Sagrada Congregação Para a Doutrina da Fé, no momento em que ela cai precisamente na caricatura. Isso quando fala que a hermenêutica que se pratica maiormente pelas teologias da libertação, é uma hermenêutica racionalista e sobretudo política. Pode até ser que alguns, mas muito poucos, sobretudo antigos teólogos da libertação, tenham feito isso. Gostaria de não ser genericamente neutro, como o documento da doutrina da instrução, mas muito preciso. Penso que um ex-teólogo mexicano, biblista, muito capaz, teve essa tendência, de fazer uma hermenêutica política dos textos bíblicos. Essa pessoa foi Porfirio Miranda. Além de Miranda, de algum outro lá nos começos da Teologia da Libertação, em sua primeira etapa até 1973/4, andava por esses caminhos, mas agora a hermenêutica dominante na Teologia da Libertação não é nem racionalista, nem política. Por exemplo, vocês colocam Carlos Mesters dentro da hermenêutica racionalista e política? Vocês colocam Severino Croatto, da Argentina, dentro duma hermenêutica racionalista e política? Vocês colocam Marcelo Barros, aqui no Brasil, dentro de uma hermenêutica racionalista e política? Ousamos colocar Milton Schwantes dentro de uma hermenêutica racionalista e política? Colocamos Pablo Richard dentro da mesma corrente? Bom, eu acho que falar nesses termos é falar caricaturalmente e eu acho que é um grande erro, principalmente da Instrução da Doutrina da Sagrada Congregação da Fé.

Paulo Ayres: Essa questão do caráter da instrução e das implicações ecumênicas foi levantada pelo próprio Cardeal Ratzinger no primeiro documento que ele publicou, quando, logo no

preâmbulo, cita o fato de que numa faculdade protestante estaria ensinando um antigo teólogo da libertação. Nós metodistas, pegamos diretamente a crítica, porque a gente sabe de quem se trata e em que situação. Trata-se de Hugo Assmann, que ensina na Universidade Metodista de Piracicaba. Ora, eu creio que no problema da questão ecumênica, quem realmente tomou uma posição bastante difícil para as pessoas que têm tido, através de sua vida cristã, um compromisso com a unidade da Igreja, foi exatamente o Cardeal Ratzinger, porque ele, de uma certa maneira, tanto no primeiro documento como na Instrução, coloca questões muito graves para a unidade da Igreja, especialmente naquilo que ele chama uma exegese racionalista, é exatamente um tipo de exegese que em grande parte tem bebido a sua inspiração maior nos grandes estudiosos bíblicos contemporâneos que o protestantismo tem proporcionado ao mundo teológico. E aqui nós entramos exatamente em relação com Von Rad e sua escola, com Kesemann, no Novo Testamento, e a questão ecumênica se tornou aguda exatamente no momento em que o Cardeal Ratzinger pretende ver nessa hermenêutica bíblica, uma hermenêutica racionalista. Como disse o Júlio de Santa Ana muito bem, há uma caricatura feita com respeito a essa questão da hermenêutica usada na Teologia da Libertação.

Ratzinger pretende ver nessa hermenêutica bíblica, uma hermenêutica racionalista. Como disse o Júlio de Santa Ana muito bem, há uma caricatura feita com respeito a essa questão da hermenêutica usada na Teologia da Libertação.

Marxismo e Marxismos: Mediações

Com respeito à questão de caricatura, eu queria também chamar a atenção, ainda dentro da questão do Cardeal Ratzinger, é a caricatura que a Instrução faz sobre o próprio marxismo, que me parece extremamente grave, quando coloca dentro de um mesmo saco todas as diferentes formas contemporâneas de marxismo. Desde o Vigésimo Segundo Congresso do Partido Comunista, se tornou evidente de maneira mundial, que não existe marxismo, existem marxismos, e, quando o Cardeal Ratzinger, num documento que pretende ser

sério, é incapaz de fazer a distinção entre as diferentes manifestações do pensamento e até mesmo da ação marxista hoje, realmente ele comete uma grande injustiça com toda essa corrente de pensamento e de ação contemporânea que é o marxismo, mas também faz uma profunda injustiça com os próprios elementos que denotam a Teologia da Libertação procurando descobrir novas ferramentas para se entender a realidade.

Com respeito à questão se essa instrução estaria restrita simplesmente ao mundo católico mas teria referências maiores, é claro que, talvez, — eu vou botar um pouco de pimenta no debate — é claro que há hoje interesses tanto dentro da Cúria Romana (e, afinal de contas, nós temos que reconhecer que, dentro da Cúria Romana, há grandes interesses ligados aos interesses do capitalismo internacional, basta mencionar o escândalo da loja maçônica P-2 e o envolvimento do Banco no qual o Vaticano tinha um grande número de ações) como entre muitos segmentos das hierarquias protestantes. Ora, a questão da Teologia da Libertação, nesse sentido, passa verticalmente pelas diferentes tradições e confissões religiosas cristãs, católicas e protestantes, mas passa exatamente, do ponto de vista horizontal, no sentido em que atinge os diferentes interesses presentes tanto nos grupos protestantes como nos grupos católicos.

A tradição bíblica coloca o projeto de Deus basicamente ao lado dos marginalizados, dos oprimidos, daqueles que têm sido considerados os párias da história, os homens e as mulheres dos quais o mundo não era digno e o principal deles foi um rabí de Nazaré que foi crucificado fora da cidade. Ora, essa opção contra a opção daqueles que se têm colocado sempre ao lado do interesse dos sacerdotes, do Sinédrio, dos imperadores de Roma ou dos interesses da corte herodiana, apesar de passados os tempos, continuam sendo os mesmos.

Pergunta: Por que a Teologia da Libertação não é reconhecida como uma teologia propriamente dita? Será que o fator implica na questão de que a Teologia da Libertação inverte o princípio tradicional e clássico da teologia, partindo da prática e não de uma questão dogmática definida?

Maraschin: Essa questão é fundamental. A gente já falou um pouco dela. Eu não sei como eram os espelhos na época de São Paulo, eu não sei que os espelhos eram côncavos, se eram conve-

xos, se eram muito sujos, espelhos assim nos quais a gente se olha e não consegue se enxergar direito, quase todos vocês devem ter tido a experiência de se colocar na frente de um espelho de circo, de repente você percebe que fica gordo, baixinho, comprido, deformado. Também a gente tem a experiência de se olhar num espelho quebrado ou quebrado só em um lugar, o rosto não combina direito, uma parte com a outra. Eu acho que fazer teologia é como se contemplar na frente de um espelho. O espelho é a mediação, a teologia é uma compreensão da fé, do mundo, enfim, da realidade na qual também nós nos compreendemos. Ela é feita por mediações e é por isso que Paulo dizia que, agora nós vemos como por um espelho, através de um espelho.

É por isso que eu fico pensando, que tipo de espelho era aquele que São Paulo tinha, esses espelhos que já perderam o aço, em que a gente vai se olhar e não consegue se ver direito. E a tarefa da teologia é essa mesma. Então, a teologia dogmática, a "teologia revelada", aquela que pensa, que pretende dizer a palavra final e que por isso se chama de perene é a transformação da linguagem em um ídolo. A transformação do meio de expressão, da mediação em um fim e isso é extremamente perigoso. Foi esse o problema, por exemplo, da ortodoxia protestante.

A grande experiência de Lutero, o grande evento revolucionário da Reforma protestante foi a experiência que ele teve da salvação que ele chamou de "justificação pela fé." Vejam bem, como é que a gente comunica a justificação pela fé? É por meio de uma frase, de uma sentença, de um discurso bem feito? Pode ser que o discurso ajude um pouco. É por isso que a gente faz discursos, mas realmente, se você não passa pela experiência, o discurso não vale nada. Isso me faz lembrar o filósofo francês Bergson, que depois de muito trabalhar com os conceitos, chegou à conclusão de que a metafísica era aquela ciência que queria prescindir dos conceitos, um conceito completamente diferente de metafísica.

Talvez a teologia no fundo seja isso mesmo. A visão, aquilo que o cristão busca em última análise, que é a visão face a face, é a visão que dispensa os espelhos. Mas gente, nesse momento nós precisamos das mediações e temos que ter a consciência da fragilidade, do caráter de inadequação dessas mediações. Nós

precisamos delas e as usamos e vamos substituindo as mediações, vamos criando outras, vamos descobrindo outras maneiras de dizer e é por isso que nós vamos continuar dizendo, dizendo de novo, reformulando as coisas que dissemos e sendo teólogos da libertação por causa disso, isto é, precisamos também nos libertar da teologia, quando ela começa a nos oprimir.

Quem são os pobres?

Pergunta: A Teologia da Libertação opta pelo fim das classes sociais baseadas no econômico? Não estaria o movimento da libertação apresentando o Evangelho centrado no homem, não na pessoa do Senhor Jesus? Não estaria Jesus sendo visto como instrumento de libertação e não como Senhor? O que é o pobre para a Teologia da Libertação? Então a questão seria de como relacionar cristologia com o projeto histórico que estaria dentro da Teologia da Libertação, e que lugar o pobre ocupa dentro desse processo histórico?

Júlio: Eu vou começar pela última pergunta, que é o pobre para a Teologia da Libertação. Um trabalho feito por um professor do Seminário Bíblico Latino-Americano de Costa Rica, Thomas Hanks, que é um dos grandes teólogos que elaborou grandes subsídios para o desenvolvimento do pensamento bíblico na Teologia da Libertação, demonstra — através de um cuidadoso exame das (quatorze) palavras hebraicas e das (cinco) palavras gregas que, na Bíblia, se referem ao pobre — que, salvo raras exceções que aparecem sobretudo nos Livros Sapienciais, sempre o conceito de pobre na Escritura está relacionado com uma situação de opressão. Na Escritura, falar do pobre é falar sobretudo do oprimido. Thomas Hanks faz um trabalho filológico muito fino, seu livro está publicado em castelhano e também em inglês, o original inglês se chama "Assim Deus amou ao Terceiro Mundo" e em castelhano "A pobreza e Opressão na Bíblia". Eu recomendo essa leitura.

Do ponto de vista bíblico aí está o conteúdo do que significa o pobre para a Teologia da Libertação. Agora, os conceitos bíblicos, como falou Maraschin, passam por mediações históricas, por mediações sócio-analíticas. Como

reconhecer esse pobre oprimido hoje, na história que estamos vivendo? Como trabalhar com conceitos que são objetivos e não somente subjetivos? A Teologia da Libertação, e acho que isso pode ser aplicado a todos, fala que o pobre é aquele que tem insatisfeitas algumas de suas necessidades básicas, e as necessidades básicas são muito simples: a necessidade de alimentação, de boa moradia, de saúde, de educação, de emprego e também de respeito aos direitos, quer dizer, a liberdade. Quando não existe satisfação desses elementos, muito objetivos, então encontramos uma situação de pobreza.

Agora, acontece, e esse é um fato histórico, que na história dos povos do Terceiro Mundo e na América Latina em particular, as camadas populares estão brigando hoje para satisfazer de uma forma ou outra as suas necessidades básicas. Para não ficarem fora, marginalizadas da história, e essa é precisamente a opção histórica que está fazendo a Teologia da Libertação. Isso pelo lado principalmente de quem são os pobres neste momento para a Teologia da Libertação.

Isso não quer dizer que quando se fala de pobres se estão aplicando conceitos sociológicos baseados no econômico. Esses conceitos sociológicos para falar de classes sociais baseados no econômico pertencem sobretudo à tradição materialista, que se chama, a grosso modo, o marxismo. A Teologia da Libertação não trabalha com conceitos específicos do marxismo, trabalha sobretudo, principalmente, com elementos que partem da observação da realidade, onde há pobres, onde há pessoas carentes e que principalmente permitem descobrir ou redescobrir entre eles, aqueles que na Bíblia são chamados principalmente os "dallim", os "rêsh", os "ptochói" do Novo Testamento, os "tapeinós". As palavras que no vocabulário bíblico estão indicando os pobres. É isso principalmente o que nós encontramos. Não há aí somente um exclusivo uso de um instrumental econômico para falar das classes sociais. Esse é um ponto que tem que ficar muito claro.

No Documento da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, há, como disse Paulo Ayres — quando se fala que a Teologia da Libertação está utilizando o marxismo e ignora que há muitos marxismos — há muitas abordagens da sociedade. Falar da luta de classes não é exclusivo do marxismo. Um grande crítico como

Max Weber, com quem nascem as grandes críticas do materialismo histórico, fala também de luta de classes e reconhece o grande aporte, a grande contribuição de Karl Marx à sociologia, através principalmente do conceito de luta de classes. Ele critica Marx a partir de outro ponto de vista, de outra razão, e não por isso, porque ele utiliza conceitos de luta de classes, Max Weber não é marxista, não se trata disso. Pensar que, ao utilizarmos um conceito válido de um autor, nós temos que ser necessariamente cativos do pensamento desse autor, é uma simplificação muito grande.

Teólogo, Servo dos que não têm poder

Pergunta: Dentro dessa linha de opção preferencial pelos pobres, de libertar o oprimido, quem é o oprimido? A gente pode dizer que o oprimido é aquele das classes populares, que está dominado culturalmente, politicamente, socialmente. E nós aqui, neste dia, estamos refletindo, discutindo juntos a Teologia da Libertação, que, como foi dito aqui, virou moda. Está todo mundo falando disso, o jornal está colocando, muitas vezes tendenciosamente, aquilo que ele gostaria de dizer, desvinculando até a própria mensagem da Teologia da Libertação. A gente escuta muito falar disso. Agora, a Teologia da Libertação, como eu ouvi várias vezes aqui sentada, está voltada especialmente para o povo oprimido na nossa sociedade brasileira, latino-americana, para o pessoal da classe baixa, o povo mesmo. Vou dar exemplos. Favelado ou o pessoal que mora nas periferias da cidade, o seu João que tem que pegar o trem, a d. Maria que é lavadeira e por aí vai. E de repente, gente, olha a contradição em que a gente cai. A gente está discutindo a libertação do oprimido, quando de repente — essa é uma posição pessoal minha — de repente o próprio oprimido, o pobre, não tem acesso a essa teologia. Talvez até ele não esteja nem sabendo, não tenha tido até dinheiro para comprar o jornal para ler alguma coisa de uma teologia feita para ele. Entende? Agora, a libertação, ela pode ser vista de vários ângulos, como eu também ouvi, mas eu estou compartilhando aqui especificamente a questão dessa libertação do oprimido, do pobre, do favelado, porque eu particularmente trabalho

com favela, faço pastoral de favela e trabalho com as crianças de lá. Quer dizer, eu como cristã, agora me coloco nessa posição e fico pensando: Eu, graças a Deus estou aqui com vocês, mas eu só pude entender um pouquinho da Teologia da Libertação porque eu li livro, me interessei, uma opção libertadora e a gente vê lá no Evangelho que Deus quer o quê? A prática da justiça, seja ela para o que sofre, mas eu queria que vocês pegassem essa minha angústia. Esse pessoal para quem é destinada a teologia, o pessoal pobre, de repente eles não têm nem acesso a isso. Como é que fica isso?

Paulo Ayres: Mas há aqui uma pergunta específica que vai mais ou menos, eu não sei se na mesma direção, mas pelo menos levanta a mesma temática. Por que os mentores da Teologia da Libertação são burgueses e não parte das classes proletárias? Não seria uma troca de padrões por aqueles que não estão no poder?

Júlio: Olha, você falou da sua angústia e eu vou falar da minha. Quando eu cheguei ao Brasil, pouco tempo depois de morar, de aterrisar, numa sociedade totalmente nova, eu vinha da Suíça, onde havia passado doze anos, então fui morar em Itaquera, que é um bairro lá da região leste de São Paulo e dentro dele fui morar mais precisamente à beira do rio das Pedras, perto da cidade de Linder. Aí em Itaquera não há, neste momento, uma favela. A favela está aí pertinho. Bom, eu comecei a conviver — a minha família ainda não havia chegado — com esse pessoal. Conheci as comunidades desse pessoal, celebrei com elas, uma celebração muito rica, um ecumenismo muito na base. Metodistas, católicos, pentecostais e outros, todos juntos, fazendo coisas extraordinárias, domingo de Ramos, por exemplo, fazendo uma caminhada pelo bairro.

Para que você possa imaginar, para mim foi com essa comunidade uma ligação muito especial e, como teólogo, é fundamental me nutrir na minha refeição, não tanto do que falam os livros, que tenho que ler, certamente, mas sobretudo na prática dessa comunidade de meus irmãos e das minhas irmãs. E quando eu vou por aí, curiosamente, para que você se surpreenda, como eu me surpreendi, eles sabem toda a polêmica que nesse momento existe na Teologia da Libertação. Eu não vou repetir aqui as palavras com que falam do Ratzinger. Seria falta de bom gosto, compreende? Mas eles vêm me co-

brar principalmente, como pessoa que trabalha: "e você o que vai fazer?" Você tem que dizer isso, e aquilo, mas você tem também que reconhecer esse ponto e aí você começa a descobrir a nova função do teólogo.

Na teologia da Libertação o teólogo não é mais o mestre. Pode ser que seja professor numa faculdade de teologia porque tem que ganhar um salário, mas o professor, o teólogo tem que ser sobretudo funcionário do povo. Somente aqui chega o ponto, se está mudando de dominador, mas o dominador nessa sociedade é dominador que tem poder, e, na Teologia da Libertação o teólogo passa a ser precisamente servo daqueles que não têm poder. E aqui aparece também a definição do teólogo como intelectual. O teólogo troca de patrão. Por que troca de patrão? Porque nessa troca de patrão que faz o teólogo, está querendo significar o tipo de sociedade com a qual está tentando comprometer-se, que é a sociedade que o povo está procurando neste momento.

O Homem, Centro da Teologia

Pergunta: Não estaria o movimento da libertação apresentando um Evangelho centrado no homem e não na pessoa do Senhor Jesus? Não estaria Jesus sendo visto como instrumento de libertação e não como Senhor?

Maraschin: Em primeiro lugar quero falar dessas imagens geométricas que nós usamos. Eu me lembro de estar presente numa discussão teológica em que se falava de Jesus era o centro ou se era o fim. Se devíamos falar sobre a centralidade de Jesus ou sobre a finalidade de Jesus. A finalidade como aquele que está no fim do processo. Bom, agora, não sei bem o que a gente está querendo dizer quando usa as figuras geométricas assim numa forma ou mais ou menos imprecisa, porém se Jesus é o centro, ele é o centro do quê? é o centro para quê?

O Credo de Niceia-Constantinopla, dizia, como muitas igrejas e muitos crentes e fiéis repetem ainda hoje, que "por nós homens e pela nossa salvação, desceu do céu". Ninguém acusou Niceia ou Constantinopla de ter centralizado a fé cristã no homem, mas se a obra da salvação, a obra de Deus não foi por nós homens e pela nossa salvação, então foi para quê? para que fim? A finalidade do evento Cristo é a nossa salvação e isso é o que sig-

nifica a Graça de Deus. É por isso que nós somos alegres, é por isso que nós cristãos damos graças a Deus e queremos que essa salvação se estenda a todos, que não fique só dentro do nosso coração. Isso não é salvação. A salvação é uma exuberância, uma dádiva de alegria para todos.

O autor da pergunta diz: "Não estaria Jesus sendo um instrumento de libertação?" Instrumento, o que significa instrumento? Ele é chamado na teologia clássica de mediador. Aquele que fica entre Deus e os homens. Aquele que oferece a Deus o nosso sacrifício, que traz a nós a vida divina do Deus eterno. Ele é um instrumento realmente da salvação, é um instrumento da libertação dado a nós pela Graça de Deus e é por isso que ele é Senhor, e a Teologia da Libertação tem uma predileção por chamar Jesus de Senhor em contraposição àqueles que usurpam o senhorio de Jesus Cristo no nosso mundo, que se dizem eles os senhores. Eles são os donos da terra, eles são os donos das consciências, os senhores do mundo, mas, acima deles, e isso é realmente a nossa grande esperança de libertação, nós temos um Senhor, um só Senhor no qual nós cremos e que é Jesus Cristo e ele é o Libertador.

Pergunta: Retomando a questão do Instituto de Religião e Democracia, qual a posição da maioria moral nos Estados Unidos frente à Teologia da Libertação?

Júlio: Totalmente contrária.

Diversas Correntes da Teologia da Libertação

Pergunta: Quais são as diferentes correntes de Teologia da Libertação no Brasil e quais são os teólogos que as representam?

Júlio: De um lado nós encontramos a pessoa mais conhecida dentro do Brasil que é Leonardo Boff. Leonardo trabalha fundamentalmente com dois pólos que são a marca da sua teologia: por um lado o pobre e a libertação; e, por outro lado, o agente de libertação que é principalmente o povo de Deus. O povo que se está libertando. A corrente de pensamento de Leonardo é aquela que faz do povo a chave do novo conceito, conceito de povo, a realidade do povo chega a ser a chave principal para a compreensão da libertação. Essa é uma corrente.

Temos outra corrente que apareceu muito clara, acho que ainda está presente, no pensamento do Rubem Alves. Ele trabalha sobretudo, com a necessidade de se libertar dos feitiços, das opressões que nós introduzimos nos códigos da vida cotidiana. A libertação principalmente da opressão da linguagem, a libertação da opressão do corpo, Rubem é aquela pessoa que, na minha percepção, está trabalhando mais profundamente em Teologia da Libertação. Para mim não se pode falar somente de libertação sócio-política e econômica, ainda ficamos totalmente "parafusados" como pessoas humanas, quer dizer, com um monte de complexos, de bloqueios que são principalmente frutos de nossa educação, de nossa infância e dos quais nós também temos que nos libertar. Que significa termos que nos libertar? Que significa o Evangelho? Encontrar o próximo? Uma vida de amor com outro, uma vida de amor não possessivo, portanto libertador? Aí aparece precisamente a grande contribuição que Rubem nesse momento está fazendo.

Encontramos a corrente bíblica que se manifesta, por um lado, em Carlos Mesters, por outro lado também em Milton Schwantes, em Ana Flora Anderson, Gorgulho, Marcelo de Barros, etc..

Encontramos também outra corrente muito mais popular, que trabalha especialmente com as Comunidades Eclesiais de Base. Por exemplo, quando Clodovis Boff, o irmão de Leonardo, faz a distinção entre o nível *Um* e o nível *Dois* de Teologia, dizendo que o povo trabalha sobretudo com o nível *Dois* e que o teólogo tem que aprofundar o nível *Dois* de Teologia, a experiência, a vivência do povo na teologia, é uma corrente de uma tendência diferente das outras tendências. Aliás, nesse momento Clodovis está reconsiderando essa linha. Eu acho que é muito bom que ele esteja reconsiderando, porque fazer teologia não é ficar no nível do sentido com o mundo, senso comum. Quando ficamos no nível do senso comum, que é o pensamento do povo, mesmo quando o povo pretende se libertar, estamos trabalhando sobretudo com as orientações da ideologia dominante. Para fazer um pensamento teológico realmente libertador, há que sair desse âmbito, desse espaço da teologia dominante e acho que nesse momento Clodovis está fazendo isso.

Tem também uma pessoa como Ivone Gebara que é

teóloga, está trabalhando em Recife. Ivone, por exemplo, está trabalhando muito profundamente a questão da libertação feminina e eu acho que vem com tons muito próprios, muito específicos a complementar aquelas percepções que aparecem principalmente em outros pensadores.

Aí estão algumas linhas. Poderíamos continuar falando de novas linhas, mas eu acho que isso mostra a variedade, a riqueza dos tons da Teologia da Libertação somente aqui no Brasil.

Práticas Eclesiais de Libertação

Pergunta: Como promover uma prática da libertação junto ao povo? Reflexão, escritos, celebrações litúrgicas, praxis eclesial, nível de compromisso cotidiano?

Julio: Temos que dar muita atenção, essa é uma posição pessoal, a duas ou três coisas: A primeira coisa que é precisamente a manifestação de criatividade, de imaginação, de inovação que se manifesta especialmente nos setores populares. Aí aparece a mina, a partir da qual surgem as grandes perguntas para os teólogos. Segundo, tem que se dar também muita atenção, quando se reúnem nas comunidades populares, nas Comunidades Eclesiais de Base, nos grupos populares, nas paróquias populares, à interpretação que o povo faz entre os conceitos bíblicos e a sua prática cotidiana. É que nem quando nós vamos ao gabinete do psicanalista e nós deitamos no divã e começamos a fazer associações livres ou associações combinadas e, a partir daí, vamos aprofundando o pensamento, quando o povo faz associações livres ou combinadas com os conceitos bíblicos que se relacionam com a sua prática, aí há pistas muito importantes, muito ricas para aprofundar.

Em terceiro lugar, acho que no mesmo nível de importância, temos que dar muita atenção às celebrações do povo. Eu queria ilustrar essas duas últimas afirmações com duas experiências.

No ano passado, depois da Semana Santa, depois que aconteceram em São Paulo os grandes saques iniciados na região de Santo Amaro, decidi visitar uma congregaçãozinha, quase uma comunidade eclesial de base, na favela. Eu fui num domingo à tarde. Chovia, dava uma tristeza enorme. O pessoal começou a chegar, como na maioria das congregações eclesiais de base, mu-

lheres e, na maioria, mulheres já velhas. Então aquele que fazia o estudo bíblico introduziu o texto de Mateus, 25, o juízo às nações. Começou a discussão e então uma mulher levantou a mão e falou: "Olha, eu acho que há uma coisa surpreendente no texto. Por quê? Porque no texto se fala principalmente daqueles que vão estar no Paraíso. Agora acontece que todos esses que são descritos aí somos nós e aqui a favela não é um paraíso, aqui a favela é um inferno". Então ela falou assim também: "Mas então Jesus Cristo está aqui conosco!" E outra falou: "O que acontece é que os senhores que têm poder dão endereço errado para que a gente não encontre".

Eu acho que há uma teologia muito profunda em tudo isso. Muito simples, mas muito profunda. Aí aparece principalmente toda a questão da presença sacramental do Cristo na sociedade dos marginalizados. Podemos sacar toda linha teológica que nós quisermos. Isso do lado principalmente das relações, das associações que são feitas em torno dos conceitos bíblicos.

A outra que eu quero contar é a seguinte: Domingo de Ramos em Itaquera, no ano passado, as comunidades católicas, protestantes, pentecostais, ecumenismo mesmo na base, decidem se encontrar num campo aberto para celebrar. Dia muito bonito, então há uma celebração, para escândalo de muitos, partilham o pão, partilham também o vinho, alguns vão chamar Ágape, outros chamam precisamente comunhão, mas o povo celebrou e então se reuniram mais ou menos quatro, cinco mil pessoas. Abriam cartazes muito grandes e começaram a caminhar. "Chegou o Reino de Deus! Hosana ao Filho de Davi! Abaixo a Lei de Seguradora Nacional!" Companheiro, quando você chega a essa cora-

gem, a essa manifestação da fé, tem que calar a boca.

Despedida: Importante é a Libertação

Paulo Ayres: Gostaríamos de agradecer a participação dos apresentadores e a presença de todas as pessoas que estiveram aqui participando deste Encontro. Este Encontro é significativo no sentido de que ele foi uma oportunidade de dar um espaço para irmãos nossos que estão trabalhando seriamente nessa reflexão teológica sobre a libertação. Mais importante que a Teologia da Libertação é a própria libertação, mais importante do que os conceitos que a gente pode discutir é exatamente a certeza de que há uma presença do Deus vivo no meio desse processo e que conduz a história, não as duas histórias, mas uma história só, a história da salvação que se realiza nas entranhas da própria história dos homens e mulheres deste mundo. E este momento de compartilhar, este momento de repartir, esta reflexão, exatamente como disse o Júlio no início da sua apresentação, quando grande parte deste debate e deste compartilhar tem sido sonhado pela grande imprensa, foi uma oportunidade de compartilhar a experiência de fé, já que todos nós que fazemos teologia, sejam clérigos ou leigos, o Júlio é leigo, o Júlio não é clérigo, todos nós que fazemos teologia partimos de um dado que é o dado de fé. A teologia como um ato de fé e nessa fé que nos empurra para a realização dos propósitos de Deus na história.





Cr\$ 6.000



Cr\$ 4.000



Cr\$ 6.000

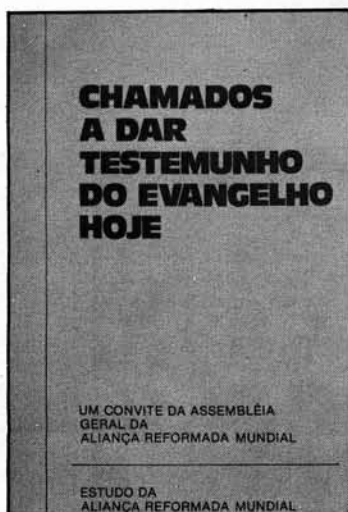
Os pedidos deverão ser feitos através de cheque nominal para o CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Av. Higienópolis, 983 - 01238 - São Paulo, SP.



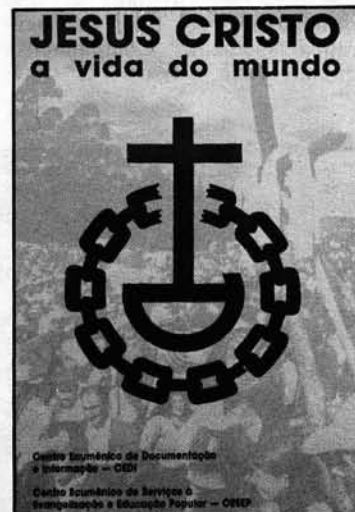
Cr\$ 10.000



Cr\$ 3.000



Cr\$ 3.000



Cr\$ 8.000



Cr\$ 4.000